



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**O SIGNIFICADO DAS VIVÊNCIAS NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO COM
ÊNFASE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) E NAS TECNOLOGIAS
DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC's)**

JULIANA GONÇALVES PINTO

Brasília – DF, janeiro de 2011.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**O SIGNIFICADO DAS VIVÊNCIAS NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO COM
ÊNFASE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) E NAS TECNOLOGIAS
DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC's)**

JULIANA GONÇALVES PINTO

Brasília – DF, janeiro de 2011.

JULIANA GONÇALVES PINTO

O SIGNIFICADO DAS VIVÊNCIAS NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO COM ÊNFASE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) E NAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC's)

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Me. Maria Luiza Pereira Angelim

Comissão Examinadora:

Prof^a. Me. Maria Luiza Pereira Angelim (orientadora)

Faculdade de Educação

Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a. Maria Alexandra Militão Rodrigues

Faculdade de Educação

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Erlando Rêses da Silva

Faculdade de Educação

Universidade de Brasília

Brasília – DF, janeiro de 2011.

Agradecimentos

Agradeço de coração e com muita alegria a todas e todos que contribuíram, cada um com seu jeitinho especial, para a realização e concretização desse trabalho.

Este Trabalho Final de Curso não poderia ser desenvolvido se não fosse a presença e a passagem de cada um de vocês na minha vida, e conseqüentemente, nas minhas vivências. No meu processo constante de formação, eu não poderia deixar de citar algumas pessoas em especial: meus familiares – minha mãe (ao mesmo tempo mãe, pai, amiga, companheira e o meu eterno amor), tia Dete, Marcelo, Natália, tia Ana, Maria, Vitória, tia Tina, Walter, Tiago e João; minhas amigas e amigos – Joyce, Tidi, Ícaro (meu afilhado), Dani, Bode, Tiel, Oton, Otinho e Marina Morena; minhas amigas e companheiras do G 10 – Lu, Ju Sanches, Dani, Palloma, Natália, Maíra, Marília, Amanda e Larissa; e a Equipe do Portal – em particular o Regis, João, Meire, Luís e Maria Luiza. A todos, obrigada pela paciência, aprendizado, companheirismo, amizade, puxões de orelha, discussões e, principalmente, por ter tido o prazer de conhecê-los e “COMviver” com todos vocês.

Muito, muito obrigada...

“A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se”.

Paulo Freire

PINTO, Juliana Gonçalves. O significado das vivências na formação do Pedagogo com ênfase na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e nas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's). Brasília – DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação. Trabalho Final de Curso, 2011.

Resumo

Este ensaio é fruto das minhas reflexões feitas a partir das minhas vivências antes e durante a graduação de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (2º semestre de 2006 – 2º semestre de 2010). Procuo também sistematizar como o acúmulo de vivências dentro e fora do espaço acadêmico contribuiu para minha formação como pedagoga.

Neste trabalho, relato um pouco da minha história antes de ingressar no curso de Pedagogia, principalmente, o envolvimento com os movimentos sociais e a EJA; o meu percurso na graduação; como me envolvi e direcionei meu curso para a Educação de Jovens e Adultos, juntamente, com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) através do Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos do Brasil – DF/Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede na Diversidade – CTARD, além também de, a partir dessas vivências e estudos, apresento a minha atual concepção de educação. Sendo assim, este ensaio está organizado em quatro partes: Memorial – contribuições do “meio”; sobre o Portal dos Fóruns de EJA e suas redes; um olhar da estudante de Pedagogia sobre a tecnologia e; minha concepção de educação construída ao longo dessa trajetória na graduação de Pedagogia.

Com essas experiências e reflexões, concluo o ensaio fazendo uma análise sobre a formação e a área de atuação do pedagogo, principalmente, no campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e as TIC's, focado nos sujeitos de “saber de experiência feito”, como consta nas obras de Luís Vaz de Camões e de Paulo Freire, baseado na relação da construção coletiva.

Palavras-chave: educação, pedagogia, formação, construção coletiva, educação de jovens e adultos (EJA), tecnologias de informação e comunicação (TIC's), Portal dos Fóruns de EJA.

Sumário

Introdução.....	8
Parte 1: Memorial – contribuições do “meio”.....	10
Parte 2: Sobre o Portal dos Fóruns de EJA e suas redes.....	16
Parte 3: Um olhar da estudante de Pedagogia sobre a tecnologia.	37
Parte 4: Minha concepção de educAÇÃO construída ao longo dessa trajetória na graduação de Pedagogia.	46
Considerações Finais	50
Perspectivas Profissionais	52
Referências	53

Introdução

Este trabalho é um ensaio que reflete uma sistematização da teoria e prática das vivências na formação do pedagogo, principalmente, na área da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's).

Essa sistematização no Trabalho Final de Curso é a busca para compreender, no final do percurso da graduação, como fui me constituindo pedagoga nesse processo de formação. A partir desse anseio, este trabalho relata as minhas vivências e reflexões antes de ingressar na graduação de Pedagogia, como acontece esse ingresso no curso, como me aproximo e direciono minha formação na área da EJA e das TIC's.

Apresento também uma das vivências que norteou toda a minha formação durante esse período que foi a experiência coletiva e a contribuição na constante construção do Portal dos Fóruns Distrital e Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (www.forumeja.org.br) – um ambiente virtual que está a serviço do movimento social dos Fóruns de EJA do Brasil.

O objetivo principal deste trabalho, porém, é tratar de forma reflexiva e sistemática esse período de vivências (a prática), juntamente, com os estudos (a teoria) que gerou, durante essa trajetória, diversos aprendizados, e, principalmente, a minha atual concepção de educação. Cabe sublinhar que, por diversos fatores durante o próprio percurso, não tive a oportunidade e tempo de sistematizar, de forma consciente e saudável, essas reflexões acerca do vivido e construído ao longo desses semestres (2º/2006 – 2º/2010).

A partir da intenção deste trabalho, o ensaio está organizado em quatro partes. No primeiro momento, relato minha trajetória antes de ingressar na Pedagogia, no caso, as influências que tive e o que me levou a participar de movimentos sociais, ou seja, minhas primeiras vivências em espaços coletivos – influência do “meio”.

A segunda parte narra as minhas vivências e reflexões sobre o movimento dos Fóruns de EJA, a Equipe do Portal dos Fóruns de EJA e os espaços acadêmicos (disciplinas e projetos) como espaço de formação de uma estudante de Pedagogia.

Na terceira parte, destaco essa relação de uma estudante de Pedagogia com as TIC's, esse novo espaço educativo – o ambiente virtual multimídia, e sua importância na formação do pedagogo.

Na quarta parte, finalizo com a minha concepção de educação construída ao longo desse percurso nesses diversos espaços de formação citados – na intenção de buscar compreender e perceber o sentido da educação baseada nas minhas vivências, reflexões e nos

referenciais teóricos escolhidos, rumando para as minhas perspectivas profissionais e de vida como pedagoga.

Parte 1: Memorial – contribuições do “meio”.

Meu envolvimento com a educação começa concomitantemente à militância política. Em 1994, aos 6 anos de idade quando saí da minha cidade natal – Feira de Santana/BA, e vim morar em Brasília – na cidade do Cruzeiro, minhas tias já militavam no Partido dos Trabalhadores¹ (PT) e no movimento popular chamado Movimento Circulista². Então, cresci nesse “meio” de militância, claro que, inicialmente, com a curiosidade e brincadeira de criança, mas sempre estava presente nas atividades – reuniões, palestras, debates, panfletagens, eleições, encontros e congressos, dessas organizações citadas acima e em marchas de manifestações políticas, como por exemplo, as marchas do PT, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra³ (MST), da Central Única dos Trabalhadores⁴ (CUT), entre outras.

1234

¹ Fundado no dia 10 de fevereiro de 1980, em evento no Colégio Sion, em São Paulo, o Partido dos Trabalhadores nasce da vontade de independência política dos trabalhadores, já cansados de servir de massa de manobra para os políticos e os partidos comprometidos com a manutenção da atual ordem econômica, social e política. Nasce, portanto, da vontade de emancipação das massas populares. Os trabalhadores já sabem que a liberdade nunca foi nem será dada de presente, mas será obra de seu próprio esforço coletivo. (Fonte: Manifesto de Fundação, aprovado pelo Movimento Pró-PT, em 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion (SP), e publicado no Diário Oficial da União de 21 de outubro de 1980. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/portalpt/dados/bancoimg/c091003192752manifesto.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2010).

² O Movimento Circulista foi fundado na cidade de Pelotas/RS, em 1932, por iniciativa do Pé. Leopoldo Brentano, S.J., define-se como uma associação de trabalhadores voltada para a promoção integral desses e de suas famílias, para o fortalecimento da classe trabalhadora e de suas organizações e para a construção de uma sociedade justa e solidária, inspirando-se nos princípios da ética social cristã e em filosofia de base humanista. O Movimento Circulista Nacional é formado pelo conjunto de Círculos Operários e Círculos de Trabalhadores estabelecidos em várias localidades do país, organizados em Federações e uma Confederação Brasileira de Trabalhadores Circulistas (CBTC) que por sua vez é filiada a Central Autônoma dos Trabalhadores (CAT) e que sucessivamente, é filiada e mantém relação com a Confederação Latino-Americana de Trabalhadores (CLAT). (Fonte: Carta de Princípios Doutrinários e Programáticos do Movimento Circulista, 2004).

³ Em 1984, os trabalhadores rurais que protagonizavam essas lutas pela democracia da terra e da sociedade convergem em um encontro nacional, em Cascavel, no Paraná. Ali, decidem fundar um movimento camponês nacional, o MST, com três objetivos principais: lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país. (Fonte: Cartilha “MST: Lutas e Conquistas. Produzida pela Secretaria Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. 2. ed. Janeiro de 2010. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/sites/default/files/MST%20Lutas%20e%20Conquistas%20PDF.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2010).

⁴ A Plenária do dia 28 de agosto de 1983 aprovou a criação da Central Única dos Trabalhadores – CUT, que passará a constituir a direção que encaminhará, de forma organizada, em nível nacional, as lutas comuns dos trabalhadores. Este organismo deve ser representativo, democrático e independente do Estado, dos patrões e dos partidos políticos. A CUT é uma central sindical unitária classista que luta pelos objetivos imediatos e históricos dos trabalhadores, tendo a perspectiva de uma sociedade sem exploração, onde impere a democracia política, social e econômica. Seu princípio fundamental é a defesa intransigente dos direitos, reivindicações e interesses gerais ou particulares dos trabalhadores brasileiros, bem como do povo explorado. (Fonte: Resoluções do 1º Congresso Nacional da Classe Trabalhadora (1º CONCLAT) – 26, 27 e 28 de agosto de 1983. São Bernardo do Campo (SP) – Pavilhão Vera Cruz. Disponível em: <<http://www.cut.org.br/documentos-oficiais/1>>. Acesso em: 5 dez. 2010).

Os anos foram passando e, aos 12 anos, continuava participando das atividades políticas dessas entidades, mas, nesse momento, participava de forma diferente da anterior, ou seja, sem as brincadeiras de criança, atenta às falas das pessoas, um pouco mais consciente, interessada e formativa. A partir disso, aos 14 anos de idade, decidi me filiar ao movimento circulista – no Círculo Operário do Cruzeiro (COC-DF), e ao PT.

O movimento circulista do Círculo Operário do Cruzeiro – em que participo até hoje, é considerado uma organização não governamental, ecumênica e pluralista, de caráter socioeconômico e cultural, sem fins lucrativos. O COC/DF foi fundado em 25 de agosto de 1962 e é localizado na minha cidade de moradia, o Cruzeiro. De acordo com os relatórios anuais da entidade, o objetivo geral é promover a classe trabalhadora e popular do Cruzeiro, desenvolvendo atividades de formação, lazer, esportivas e culturais.

Assume-se como uma associação civil de interesse público, de caráter democrático, participativo e não confessional, empenhada no aperfeiçoamento da democracia no campo da política, nas comunidades e na vida sindical. Entende que a democracia a ser construída deve contar com a participação ativa dos/as trabalhadores/as e de suas organizações, em todos os setores da sociedade. Considera como seu objetivo maior lutar pela emancipação da classe trabalhadora e pela construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária, em que seja assegurada a primazia do trabalho sobre o capital e o primado da pessoa humana sobre as coisas. (Carta de Princípios Doutrinários e Programáticos do Movimento Circulista, 2004, p. 13).

Nesse período, além da formação e militância mais prática, começo de certa forma a formação teórica incentivada pela minha Tia Dete, ou seja, o interesse e gosto pela leitura de jornais, textos, revistas e livros políticos de alguns autores, como, por exemplo, de Marx⁵, Frei Betto⁶, Leonardo Boff⁷, a revista Caros Amigos⁸, entre outros. Um que considero muito marcante foi o livro *Olga*, de Fernando Morais⁹. Avalio esse período como uma etapa muito rica na minha constituição como ser humano, pois pude perceber a relação da prática desses movimentos com as fundamentações teóricas, e ter a clareza de que eram lutas reais, concretas, significativas e necessárias para a superação histórica da sociedade capitalista.

A partir dessas experiências e envolvimento político nessas organizações, posso dizer que minha grande influência, companheira e formadora foi minha tia Dete. Não posso esquecer-me de citar minha mãe, pois também começou a militar quando chegamos à Brasília em 1994 e também, por influência das minhas tias. Posso dizer que com trajetórias, processos

de formação e envolvimento diferentes, eu e minha mãe começamos a militância política juntas.⁵⁶⁷⁸⁹

Em 2003, começo a participar da equipe de alfabetização de jovens e adultos do Círculo Operário do Cruzeiro – um dos principais projetos da história da entidade. O Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos foi implantado em 1997 (durante o governo

⁵ Karl Marx nasceu 5 de maio de 1818 numa província alemã. Tanto pelo lado materno quanto paterno, descendia de duas linhagens de rabinos. O pai advogado converteu-se ao protestantismo nesse mesmo ano de 1818. Em Berlim, 1836, Marx antes mesmo de estudar profundamente a filosofia e o hegelianismo, começou a compreender e a mergulhar na dialética hegeliana. Marx passou em 1841 na sua tese de doutoramento em filosofia. Mas, o governo reacionário da Prússia recusa uma cátedra ao jovem Dr. Marx. Tendo abandonado a carreira universitária, Karl Marx lançou-se no jornalismo. Em fins de 1843, Marx junta-se em Paris a numerosos refugiados políticos alemães. É em Paris, num ardente clima de ação política e de discussões que Marx se torna comunista. Em 1844, Engels, filho de grandes burgueses industriais têxteis, dirige-se a Paris. Ali encontra Marx. Depois da morte de Marx, há uma nova sistematização filosófica oficialmente denominada: materialismo dialético. Os princípios da doutrina são expostos por Marx, com a colaboração cada vez mais íntima de Engels em textos que não serão publicados senão no século XX: Os manuscritos econômico-políticos (1844) e A ideologia alemã (1845). Escrevem também o famoso Manifesto do Partido Comunista, em 1847, a pedido da Liga dos Justos, tornada Liga dos Comunistas, que apenas será publicado em 1848. Contribui para fundar a Internacional. Entre 1850 e 1860 foi a carência. Vários filhos lhe morreram devido à miséria. Marx chegou mesmo a não poder pagar nem o enterro de um dos seus filhos nem o parto de sua mulher, que no mesmo dia dava à luz a outra criança. Depois de 1860 a sua situação melhora. Tendo herdado empresas paternas, Engels pode assegurar-lhe uma pensão regular. Um amigo, cuja memória é dedicado *O Capital*, lega a Marx uma pequena fortuna. Começa então uma época feliz e fecunda para Marx e sua família. Infelizmente, a saúde de Marx já estava comprometida. O esgotamento cerebral e a má alimentação tinham provocado uma grave doença de fígado, acompanhada de surtos frequentes de furunculose. Os nevoeiros de Londres e o abuso do tabaco trouxeram-lhe uma bronquite crônica, que não cessou de se agravar. A partir de 1871, a sua atividade declina e *O Capital* ficará inacabado. Em fins de 1881, Marx estava gravemente doente, enquanto no quarto vizinho sua mulher morria lenta e dolorosamente com um cancro. Karl Marx faleceu em 14 de março de 1883 em Londres. (Fonte: BERNARDES, Robison Luiz. *Karl Marx – Conseqüências sociais do avanço tecnológico*. São Paulo: Edições Populares, 1980).

⁶ Autor de 51 livros, editados no Brasil e no exterior, Frei Betto nasceu em 1944, em Belo Horizonte (MG). Estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. Frade dominicano e escritor, ganhou, em 1982, o Jabuti, principal prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, por seu livro de memórias *Batismo de Sangue*. Em 2005, o júri da Câmara Brasileira do Livro premiou-o mais uma vez com o Jabuti, agora na categoria Crônicas e Contos, pela obra *Típicos Tipos – perfis literários*. (Disponível em: <<http://www.freibetto.org/index.php>>. Acesso em: 5 dez. 2010).

⁷ Leonardo Boff nasceu em Concórdia, Santa Catarina, em 14 de dezembro de 1938. cursou Filosofia em Curitiba-PR e Teologia em Petrópolis-RJ. Doutorou-se em Teologia e Filosofia na Universidade de Munique-Alemanha. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, ecologia, E espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. A maioria de sua obra está traduzida nos principais idiomas modernos. (Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/>>. Acesso em: 5 dez. 2010).

⁸ A revista Caros Amigos foi lançada em abril de 1997 com uma entrevista com Juca Kfourri na capa. Êxito nas bancas, a revista, porém, não tinha assinaturas e anúncios. A revista cresceu, incorporou vários articulistas e jornalistas e se tornou referência de publicação contra-hegemônica, alternativa e de reflexão crítica do pensamento neoliberal. A revista procura praticar jornalismo independente, crítico e comprometido com a transformação da sociedade brasileira. (Disponível em: <<http://carosamigos.terra.com.br/>>. Acesso em: 5 dez. 2010).

⁹ Fernando Morais nasceu em Mariana-MG em 1946. Jornalista desde 1961, trabalhou nas redações do Jornal da Tarde, Veja, Folha de S. Paulo e TV Cultura. Sua obra literária é constituída por biografias e reportagens. Uma de suas obras mais conhecidas é o livro *Olga* – lançado em 1985 e reeditado em 1994, narra a biografia e a trajetória de Olga Benário, recrutada pelo governo soviético para dar proteção ao líder comunista brasileiro Luís Carlos Prestes, com quem viveria um romance antes de ser deportada grávida de Prestes e morta na Alemanha nazista, deixando viva a filha Anita Leocádia Benário Prestes – criada pela avó Leocádia e pela tia Lygia Prestes. Em 2004, o livro *Olga* foi transformado em filme pelo diretor Jayme Monjardim. (Disponível em: <<http://www.fernandomorais.com.br/sobreautor.php>>. Acesso em: 5 dez. 2010).

da frente popular de 1995 a 1998) com o objetivo de ajudar na luta pela alfabetização de jovens e adultos da cidade, ou seja, alfabetizando os jovens e os adultos da comunidade que não tiveram a oportunidade de estudar na idade própria. Na época, o grupo optou pela proposta do Paulo Freire em face de procurar levar o educador e os educandos, através da construção coletiva, a se engajarem social e politicamente, a exercerem sua cidadania, e, principalmente, por ser um processo baseado na educação libertadora.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 1987, p. 41).

Após a definição da metodologia, o COC/DF foi buscar outros movimentos populares do Distrito Federal que possuíam projetos de alfabetização de jovens e adultos. Assim, conheceu e iniciou uma relação e parceria com o Centro de Educação Paulo Freire da Ceilândia¹⁰ (CEPAFRE). Com isso, foram realizados dois cursos de formação de alfabetizadores populares em parceria com o CEPAFRE. Em julho de 1997, a entidade realizou o primeiro Censo Geral de Alfabetização com a finalidade de levantar o quantitativo de moradores do Cruzeiro Novo e Velho que não tiveram a oportunidade de estudar na idade apropriada. Em seguida, foram abertas as primeiras turmas de alfabetização no Círculo Operário do Cruzeiro. Depois, o projeto também atendeu moradores e trabalhadores da Octogonal, Sudoeste e Setor de Oficinas.¹⁰

A partir desse contexto e envolvimento, em 2003, fiz o curso de formação de alfabetizadores populares de jovens e adultos, durante dois meses. Com isso, em 2003 e 2004, fui respectivamente observadora e coordenadora de duas turmas de alfabetização de jovens e adultos do Círculo Operário do Cruzeiro. Uma experiência única e indescritível que acrescentou muito na minha formação como pessoa e, atualmente, como futura pedagoga.

¹⁰ A fundação do Centro de Educação Paulo Freire da Ceilândia (CEPAFRE) foi criada em 2 de setembro de 1989. Está localizada na Região Administrativa de Ceilândia, no Distrito Federal. Caracteriza-se por ser um movimento de natureza popular, sem fins lucrativos e que vem contribuindo com a alfabetização de jovens e adultos, formação de educadores populares, assessoria às organizações que desejam se dedicar à alfabetização de jovens e adultos, educação integral, alimentação alternativa, na organização de grupos de produção, com base nos princípios da economia solidária, e na área de tecnologia com projeto do CINEPOPULAR. Assim, o CEPAFRE tem colaborado para que as pessoas alfabetizadas despertem o interesse à continuidade de seus estudos, para o debate crítico e para transformação social. (Disponível em: <www.forumeja.org.br/df/files/CEPAFRE.doc>. Acesso em: 5 dez. 2010).

Alguns fatores como: turmas pequenas de alfabetização, evasão significativa e dificuldade de abrir turmas de alfabetização no Círculo Operário do Cruzeiro, fizeram com que, em 2005, a equipe de alfabetização do COC/DF optasse por auxiliar a abertura de turmas de alfabetização de jovens e adultos na Vila Estrutural, juntamente, com a ajuda de uma associação de moradores desse local – chamada Anjo Gabriel, baseada também na proposta do Paulo Freire. Assim, fizemos o curso de formação de alfabetizadores populares com moradores da Vila Estrutural que tinham interesse em alfabetizar e tinham o ensino médio completo, e, com isso, formamos algumas turmas de alfabetização de jovens e adultos na Estrutural. A partir desse processo e contexto, o Círculo Operário do Cruzeiro assumiu uma função de apoio até as pessoas daquela comunidade se apropriarem do projeto e terem condições de caminharem sozinhas para execução do mesmo, com isso, exercendo, de certa forma, a autonomia da aprendizagem e da construção coletiva.

Mas enquanto houver interação, reflexão, correção entre os dois elementos, parece tratar-se de um processo inflexível de autonomização. A autonomia consiste antes de mais [nada] em que o indivíduo ou o grupo se torne para si mesmo o seu próprio fim, a sua própria transcendência, o que é verdadeiramente a auto-referência e desencadeia novas formas de desdobramento. (PINEAU, 2008, p. 2).

No final de 2005, saí da equipe de alfabetização por envolvimento com outras questões e projetos do Círculo Operário do Cruzeiro, e por ter que estudar para o vestibular da Universidade de Brasília – UnB.

Além desse contato com a educação de jovens e adultos e conhecimento sobre a proposta do Paulo Freire, o Círculo Operário trouxe-me experiências e oportunidades de conhecer a luta dos trabalhadores tanto nacionalmente como de outros povos da América Latina. Em 2003 e 2005, destaco as minhas idas à Venezuela, onde tive a oportunidade de participar dos Encontros de Jovens Trabalhadores da América Latina e Caribe. Uma experiência que me proporcionou conhecer outra cultura, língua, a luta internacional da juventude e dos trabalhadores de outros países e, principalmente, de conhecer de perto e conversar com pessoas sobre o momento histórico da Venezuela naquele período – o governo do Hugo Chávez após o golpe de Estado de 2002. De fato, nesse momento, pude perceber a luta concreta e internacional dos trabalhadores. Obviamente, cada país tem suas especificidades e diversidades, mas também a necessidade da unidade para a emancipação dos povos. Como Marx e Engels (1872) dizem no Manifesto do Partido Comunista “proletários de todos os países, uni-vos!”.

Durante esse percurso formativo até agora descrito, não faltaram pessoas e espaços que contribuíram nessa caminhada educativa de eterna “autoformação”.

A autoformação da pessoa é entendida como a construção de um sistema de relações pessoais com estes diferentes espaços e cria um meio pessoal, uma cosmogonia singular, uma estrutura particular eu-mundo ou uma unidade funcional indivíduo-meio ambiente. (PINEAU, 2008, p. 7).

Por isso, não posso deixar de mencionar algumas pessoas e espaços muito importantes nesse processo, como minhas amigas e amigos, que chamo, carinhosamente, de Dani, Joyce, Bode, Oton e Tiel, da época da adolescência, descobertas, grupos de estudos, viagens e luta nos movimentos sociais, e dos camaradas – em especial ao Edison Cardoni, da corrente O Trabalho¹¹ (OT) do Partido dos Trabalhadores, com quem compreendi mais claramente a existência da luta internacional de classes e a necessidade de articulação dos trabalhadores para a superação do sistema capitalista.

Com esse caminho já percorrido, ingresso na UnB no segundo semestre de 2006 para o curso de Pedagogia. Primeiro semestre na Faculdade de Educação – FE/UnB, como diz aquele ditado: “só se aprende a nadar, nadando”! Realmente, um mundo novo e estranho no começo. Muitas novidades, revelações, informações, vivências e novos amigos nesse universo acadêmico.

No meu primeiro semestre, como tinha dois amigos que já cursavam Pedagogia na FE, por causa de um desses amigos – Tiel, eu fui convidada a participar da seleção para ser bolsista de um projeto de pesquisa da Faculdade de Educação – o Portal dos Fóruns de EJA (www.forumeja.org.br), coordenado pela professora Maria Luiza Pereira Angelim com a colaboração de outros professores. Desse momento em diante, fui trilhando e me envolvendo¹¹ ainda mais com a educação de jovens e adultos (EJA) e direcionando minha formação no curso para essa modalidade de ensino, que, por sinal, vai além de uma simples modalidade da educação básica. Considero a EJA um problema histórico-estrutural gerado por essa sociedade capitalista e que precisa ser superado com muita luta política dos trabalhadores. Pois, como demonstra o histórico dessa modalidade de ensino, a falta de uma verdadeira política pública de Estado para a EJA faz com que esse problema não seja superado. Nesse sentido,

¹¹ O Trabalho – órgão da seção brasileira da 4ª Internacional (fundada em 1938, sob direção de Leon Trotsky, a 4ª Internacional é herdeira do combate de revolucionários como Marx, Engels e Lênin nas três primeiras Internacionais), é uma das correntes do Partido dos Trabalhadores. (Disponível em: <<http://www.jornalotrabalho.com.br/index.html>>. Acesso em: 5 dez. 2010).

percebemos um duplo processo de exclusão: um, construído historicamente pela descontinuidade e falta de efetivo compromisso com a modalidade, ao longo de sua trajetória; e outro, decorrente do processo de globalização e da forma excludente de apropriação das novas tecnologias e das novas formas do processo de trabalho. (VENTURA, 2001, p. 16).

Sei que escolher e atuar nessa modalidade de ensino não é fácil, ainda mais quando se opta por uma educação libertadora. Até porque, na educação libertadora, além do compromisso pedagógico, o educador ainda tem o compromisso político. Como disse Paulo Freire (1986) em *Medo e Ousadia*: “Nadar contra a corrente significa correr riscos e assumir riscos”. Realmente, escolher pela educação libertadora dá “medo” e precisa de “ousadia” para seguir em frente com essa escolha.

Parte 2: Sobre o Portal dos Fóruns de EJA e suas redes.

No começo da minha graduação, posso dizer que essa experiência com o Portal dos Fóruns de EJA foi algo muito inusitado. Pois, logo no semestre em que ingressei na UnB, entrei de imediato em um projeto de pesquisa tão complexo. Confesso que no começo não entendia quase nada, pois não conhecia nada sobre Pedagogia, sobre a Faculdade de Educação e a Universidade. Era um mundo completamente novo e estranho. Mas, novamente, como diz aquele ditado “só se aprende a nadar, nadando”! Com isso, aproveitei a oportunidade, e com o tempo, concomitantemente, fui conhecendo, aprendendo e participando desse movimento dos Fóruns de EJA através do Portal. Podemos perceber esse processo, claramente, na pesquisa-ação, na qual “os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras, mas o que importa é transformá-lo” (MARX, 1996, p.128).

Com o projeto de pesquisa do Portal, pude compreender que a educação de jovens e adultos existe para aquelas pessoas de 15 anos ou mais que pelas diversas razões não tiveram a oportunidade de frequentar ou de concluir a educação básica. A EJA é uma das modalidades de ensino mais complexa e plural, devido configurar-se com o envolvimento de diferentes segmentos da sociedade comprometidos com a EJA, como Movimento Popular, Sindicatos, Universidades, Governo, ONGs, Sistema “S”, Estudantes, Professores, Ministério Público, Setor Privado, Poder Legislativo, que atuam também em diversas temáticas, isto é, na Educação Indígena, Quilombola, do Campo, Ambiental, Étnico-Racial, nas Prisões, Especial, Diversidade Sexual, de Pescadores e de Gênero. Nesse sentido, entender esse problema

estrutural da EJA no Brasil e sua complexidade significa saber que a EJA se trata de um problema histórico-estrutural, produto da nossa sociedade. Vejamos alguns dados relativos a 2009:

O percentual de pessoas de 15 anos ou mais de idade com menos de quatro anos de estudo é de 20,3% e a taxa de analfabetismo caiu 1,8 ponto percentual entre 2004 e 2009. Apesar disso, no ano de 2009 ainda existiam no Brasil 14,1 milhões de analfabetos, o que corresponde a 9,7% da população nesta faixa etária. (Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, coletados em 2009).

A educação de jovens e adultos requer um cuidado e um tratamento diferenciado, ou seja, a formação dos profissionais, as aulas, os métodos de ensino, a organização do tempo pedagógico, os materiais didáticos, os espaços físicos e os ambientes virtuais têm de ser diferenciados e adequados à diversidade, à realidade e à história de vida desses educandos. Com essas peculiaridades da EJA, percebemos no processo educativo a

concepção ampliada de educação de jovens e adultos, que entende educação pública e gratuita como direito universal de aprender, de ampliar e partilhar conhecimentos e saberes acumulados ao longo da vida, e não apenas de se escolarizar. Em outras palavras, os educandos passam a maior parte de suas vidas na condição de aprendizes e, portanto, muitas são as situações de aprendizado que vivenciam em seus percursos formativos. (Documento Base Nacional Preparatório à VI CONFINTEA. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD, Ministério da Educação – MEC, 2008, p. 13).

Tendo em vista esse panorama e complexidade, alguns estados brasileiros já possuíam movimentos populares e organizados em prol da EJA. A partir da existência desses movimentos sociais, o movimento dos Fóruns de EJA do Brasil nasce, em 1996, fruto da mobilização e da necessidade de organizar uma representação do estado brasileiro em torno da preparação da V Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA), realizada em Hamburgo, em 1997, organizada pela Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas (UNESCO).

Nos primeiros encontros dessa mobilização para a preparação da V CONFINTEA, evidenciou-se a desarticulação entre as esferas do poder federal, estadual e municipal, indicando também a falta de informações sobre os aspectos pedagógicos, financeiros e legais sobre a EJA no Brasil. Com o passar do tempo e o crescimento da mobilização dos Fóruns de EJA nacionalmente, através dos Encontros Nacionais de Educação de Jovens e Adultos

(ENEJA's), o movimento conquistou um grande diálogo e parceria com o Ministério da Educação (MEC), através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (SECAD/MEC) – criada em 2004. Essa relação acaba contribuindo na formulação e efetivação de ações e políticas públicas voltadas para a EJA. Mas é importante lembrar que a relação com o MEC, conquistada pelos Fóruns, – por mais que haja esse diálogo – é um espaço tensionado, com pressões e com disputas políticas entre o governo e o movimento social dos Fóruns de EJA. É importante ressaltar que a legitimidade dos Fóruns vem sendo construída ao longo desses anos e sendo reconhecida em muitos espaços, por exemplo, na representação e ocupação de um lugar na Comissão Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos (CNAEJA) – originária da Comissão Nacional de Alfabetização (CNA), de 2003, e ampliada em 2004, como também em um colegiado de representantes dos Fóruns estaduais de EJA com o qual a SECAD/MEC tem dialogado permanentemente.

Enquanto isso, aqui no Distrito Federal, uma cidade é construída como desafio nas contradições estruturais de um capitalismo dependente. Brasília ergue-se no planalto central como a nova capital do Brasil pelas mãos de milhares de trabalhadores brasileiros não alfabetizados, procedentes, majoritariamente, da região do nordeste brasileiro.

Desde 1963, a Universidade de Brasília esteve presente nas tentativas de alfabetização de jovens e adultos do Distrito Federal, quando Paulo Freire, pessoalmente, conduziu as atividades de formação e supervisão dos Círculos de Cultura com a participação de estudantes e moradores do Núcleo Bandeirante, Candangolândia, do Gama e de Sobradinho, contribuindo diretamente para a institucionalização do Plano Nacional de Alfabetização em fevereiro de 1964, sob sua coordenação. O Golpe Militar de março de 1964 extinguiu a iniciativa institucional do governo João Goulart, proibindo a prática do "método" de alfabetização de adultos ao perseguir e prender brasileiros, como o próprio Paulo Freire, que se exilou, retornando ao Brasil por força do movimento pela anistia política, em junho de 1979.

A Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), criada pelo regime militar, demonstrou-se ineficaz e muito contribuiu para aumentar o descrédito das pessoas não alfabetizadas em relação à ação alfabetizadora no DF. Na transição democrática, marcada pela luta da autonomia política do Distrito Federal, em 1985, a comunidade de Ceilândia propôs a Alfabetização de Jovens e Adultos, definindo para tal o chamado "método" Paulo Freire, entre outras reivindicações. Com a orientação pedagógica de mestrandos da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB e envolvimento de normalistas como estagiários foi possível responder à comunidade, iniciando a alfabetização de jovens e adultos, com apoio da Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF), Núcleo de Tecnologia Educacional (NUTEL) e Fundação Pró-Memória do Ministério da Cultura.

Em 20 de outubro de 1989, dando continuidade às iniciativas de alfabetização de jovens e adultos e mobilizados pela declaração da UNESCO do Ano Internacional de Alfabetização, em 1990, os movimentos populares,

professores da FE/UnB e da Fundação Educacional do Governo do Distrito Federal coordenaram a constituição do Grupo de Trabalho Pró-Alfabetização do Distrito Federal e Entorno (GTPA/DF), com o objetivo de instituir-se como espaço político organizado, em rede, da sociedade civil, de exercício de parcerias com autonomia, democrático e aberto a pessoas, movimentos, grupos, associações representativas, sindicatos, empresas, entidades interessadas na erradicação do analfabetismo no Distrito Federal e Entorno. Relatório-síntese do GTPA – Fórum EJA/DF ao XI ENEJA. (Documento subsidiador à participação de 20 delegados representantes do GTPA – FÓRUM EJA/DF no XI Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos, Belém/PA, 17 a 20/09/2009, p. 1).

Com isso, em 2002, o movimento social já existente no DF em prol da alfabetização de jovens e adultos integra-se ao movimento nacional dos Fóruns de EJA e amplia o GTPA/DF como FÓRUM EJA/DF, mantendo a referência histórica de luta do GTPA/DF, ampliando também a luta por uma Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores (EJAT) de qualidade ao longo da vida e libertadora. O problema que une as pessoas do Grupo de Trabalho Pró-Alfabetização - Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Distrito Federal (GTPA - FÓRUM EJA/DF) consiste nos

688.273 jovens e adultos trabalhadores moradores do Distrito Federal com 15 anos ou mais não concluíram o ensino fundamental (CODEPLAN/GDF, 2004). A PNAD/2009 revelou que no DF há cerca de 70.000 pessoas não alfabetizadas, representando 3,4% da população total, estimada em 2,4 milhões, com 20% da População Economicamente Ativa (PEA) desempregada (IBGE, 2010). (Documento de Construção Coletiva da Pauta de Reivindicações ao Governador Eleito e aos Parlamentares Eleitos do Distrito Federal – 2011 a 2014, aprovado em Plenária do XIX Encontro de Educação de Jovens e Adultos do DF no dia 20/11/2010, p. 1).

A partir disso, o GTPA – FÓRUM EJA/DF configura-se num espaço político organizado e construído coletivamente, baseado no princípio da autonomia e da educação libertadora, fundamentado na obra freiriana (FREIRE, 2005), que enfatiza: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

A partir desse histórico e da dinâmica dos Fóruns de EJA, tive a oportunidade de participar de vários encontros formativos e deliberativos tanto no âmbito distrital como no nacional. Alguns desses encontros foram: reuniões ampliadas e encontros distritais do GTPA - FÓRUM EJA/DF; Encontro Nacional Preparatório à VI CONFINTEA da UNESCO – 28 a 30 de maio de 2008, em Brasília; X Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (ENEJA) – 27 a 30 de agosto de 2008, no município de Rio das Ostras/RJ, no qual o tema do encontro foi “História e Memória dos Encontros Nacionais dos Fóruns de EJA no Brasil: dez

anos de luta pelo direito à educação de qualidade social para todos”; e novamente, XI Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (ENEJA) – 17 a 20 de setembro de 2009, em Belém/PA, esse encontro teve como tema "Identidades dos Fóruns de EJA: conquistas, desafios e estratégias de lutas". Nesses encontros e experiências, pude de fato perceber a dinâmica do movimento social dos Fóruns de EJA, seus conflitos, seus diversos segmentos e as lutas ou embates políticos necessários e saudáveis em qualquer movimento social.

Com o tempo e nesse envolvimento com os Fóruns, tive a capacidade de perceber também um movimento com uma dinâmica e composição diferente dos que já havia participado. Como minha formação e base de militância foram o movimento popular e o partido político, ou seja, em que esses dois tipos de organização configuram-se e constituem-se com carta de princípios, estatutos, manifestos, filiações, sedes, CNPJ, isto é, se organizam com uma estrutura mais formal e fechada, ao contrário da configuração dos Fóruns de EJA.

Outro fator marcante é a diversidade de segmentos e setores da sociedade na composição dos Fóruns – Universidades, Estudantes e Professores de EJA, Movimento Popular, Sindicatos, ONGs, Sistema "S", Ministério Público, Setor Privado, Poder Executivo e Legislativo –, em que, organicamente e coletivamente, os participantes e representantes sentam, escutam, dialogam e deliberam em prol da educação de jovens e adultos, configurando-se em um círculo de cultura¹² com caráter deliberativo.

Atualmente, considero que o grande desafio dos Fóruns de EJA seja, principalmente, construir *com* os sujeitos dessa modalidade de ensino, avançando nas discussões e decisões coletivas para uma efetiva política pública de Estado para a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores no Brasil.

Em todo esse contexto também nasce o Portal dos Fóruns de EJA (www.forumeja.org.br) que surge a partir de duas etapas anteriores ao movimento dos Fóruns criarem o atual Portal. Desde 1994, professores da FE e do Instituto de Matemática da UnB, que constituem o Grupo Lattes/CNPq “Aprendizagem, Tecnologias e Educação a Distância”, desenvolvem pesquisas sobre aprendizagem colaborativa no ambiente virtual multimídia que, com base empírica na realização de três cursos de especialização em educação continuada e a

¹² Os Círculos de Cultura eram espaços em que dialogicamente se ensinava e se aprendia. Em que se conhecia em lugar de se fazer transferência de conhecimento. Em que se produzia conhecimento em lugar da justaposição ou da superposição de conhecimento feitas pelo educador a ou sobre o educando. Em que se construíam novas hipóteses de leitura do mundo. (FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança - um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994).

distância (1994, 1997 e 1999), apoiados pela SEED/MEC e Cátedra UNESCO de Educação a Distância, resultou na elaboração do conceito “comunidade de trabalho/aprendizagem em rede” (CTAR), de autoria coletiva. Concomitantemente, em outubro de 1998, com o apoio da UNESCO, sob a coordenação da professora Maria Rosa Abreu, iniciou-se a pesquisa do Observatório de Inclusão Educacional e Tecnologias Digitais sobre o tema Alfabetização de Jovens e Adultos (www.fe.unb.br/areas/alfabetizacao), este coordenado pela professora Maria Luiza Pereira Angelim, futuramente, ampliado para Educação de Jovens e Adultos. Apesar de simples e apenas de caráter informativo (site estático), esse espaço virtual serviu de alavanca para o que é hoje o Portal dos Fóruns de EJA – um ambiente interativo, mobilizador e, construído por diversas mãos, configurando-se de fato numa construção coletiva.

Essa compreensão motivou, com o objetivo de contribuir para a formação de professores de EJA, a conjugação dos resultados da CTAR com o Observatório UNESCO – Inclusão Educacional e Tecnologias Digitais, desenvolvendo-se como passo inicial o sítio protótipo do GTPA - Fórum EJA/DF, o: www.gtpaforumejadf.unb.br. Em seguida, por causa de dois encontros nacionais realizados em 2005 – o 5º MOVA BRASIL em Luziânia/GO e o VII ENEJA em Luziânia/GO, coordenados e organizados coletivamente pelo GTPA – FÓRUM EJA/DF, pela primeira vez na história dos respectivos encontros, existiu esse espaço virtual que estava a serviço da organização e mobilização dos encontros. Era possível fazer as inscrições *on-line* das delegações dos 26 estados e do DF, além de abrigar todas as informações importantes e necessárias aos participantes dos dois encontros.

Ainda em 2005 e no VII ENEJA foi apresentado o projeto do Portal que acolheria e potencializaria 27 espaços virtuais distintos para os 26 Fóruns estaduais de EJA e o Fórum do Distrital Federal. Eles seriam construídos e administrados de forma descentralizada pelos próprios integrantes de cada Fórum de EJA, e a ferramenta tecnológica que seria utilizada foi pensada para ter certa facilidade no manejo, alimentação e organização dos conteúdos nos sítios. Existiria, também, um espaço Brasil que aglutinaria as informações de interesse nacional dos Fóruns. Nessa primeira etapa, o Portal dos Fóruns de EJA teria, inicialmente, o domínio da “UnB” com o endereço www.forumeja.unb.br. Mas, futuramente, teria como propósito registrar-se como domínio “org”. Com isso, em 7 de março de 2006, efetivou-se o www.forumeja.org.br com o compromisso institucional do <registro.br> pela Faculdade de Educação e base física (hospedagem do servidor) e orientação tecnológica pelo Centro de Desenvolvimento de Tecnologia e Conhecimento (CDTC) da Universidade de Brasília.

A partir desse percurso, transformação e criação do Portal dos Fóruns de EJA, atualmente, o Portal busca a conexão entre o movimento social da EJA e as Tecnologias de

Informação e Comunicação (TIC's), no momento em que se constitui como um ambiente virtual interativo multimídia. O Portal é construído em *software livre*¹³, desenvolvido e alimentado de forma descentralizada por meio de bolsistas e voluntários que podem ser estudantes, professores, integrantes dos movimentos sociais e governos que atuam na área da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Ainda que haja parceria com estudantes e professores também da área de Tecnologia e com as Universidades, o Portal é administrado coletivamente pelos próprios integrantes dos Fóruns de EJA. A seguir, na tabela 1 e 2, é possível fazer uma relação do perfil desses administradores nos anos de 2008 e 2010:¹³

01/10/2008		
Região	Estado	Perfil (Quantos são e quem são?)
Norte	AC	(1) Representante do Fórum de EJA e do o segmento EJA/SEE.
	AM	(3) Representantes do Fórum de EJA e do segmento universidades. Professores universitários.
	AP	(1) Representante do Fórum de EJA e coordena PROEJA.
	PA	(1) Representante do Fórum de EJA. Professora de EJA.
	RO	(1) Professora e gestora pública.
	RR	(0) Sem administrador na data do levantamento.
	TO	(1) Representante do Fórum de EJA e professor universitário.
Nordeste	AL	(1) Professor da rede pública municipal e estadual. (1) Integrante do Conselho de Educação do Estado.
	BA	(1) Integrante do Núcleo de Educação de EJA. (1) Estudante de Pedagogia da UFBA.
	CE	(1) Supervisora escolar em EJA.

¹³ *Software livre* se refere à liberdade dos usuários executarem, copiarem, distribuírem, estudarem, modificarem e aperfeiçoarem o *software*. Mais precisamente, ele se refere a quatro liberdades, para os usuários do *software*: a liberdade de executar o programa, para qualquer propósito (liberdade nº. 0); a liberdade de estudar como o programa funciona, e adaptá-lo para as suas necessidades (liberdade nº. 1). Acesso ao código-fonte é um pré-requisito para esta liberdade; a liberdade de redistribuir cópias de modo que você possa ajudar ao seu próximo (liberdade nº. 2); a liberdade de aperfeiçoar o programa, e liberar os seus aperfeiçoamentos, de modo que toda a comunidade se beneficie (liberdade nº. 3). Acesso ao código-fonte é um pré-requisito para esta liberdade. Você deve também ter a liberdade de fazer modificações e usá-las privativamente no seu trabalho ou lazer, sem nem mesmo mencionar que elas existem. Se você publicar as modificações, você não deve ser obrigado a avisar a ninguém em particular, ou de nenhum modo em especial. De forma que a liberdade de fazer modificações e de publicar versões aperfeiçoadas tenham algum significado, deve-se ter acesso ao código-fonte do programa. Portanto, acesso ao código-fonte é uma condição necessária ao *software livre*. Portanto, você pode ter pagado para receber cópias do *software* GNU, ou você pode ter obtido cópias sem nenhum custo. Mas independente de como você obteve a sua cópia, você sempre tem a liberdade de copiar e modificar o *software*, ou mesmo de vender cópias. Quando falamos sobre o software livre, é melhor evitar o uso de termos como "dado" ou "de graça", porque estes termos implicam que a questão é de preço, não de liberdade. (Disponível em: <<http://softwarelivre.org/portal/o-que-e->>. Acesso em: 7 dez. 2010).

	MA	(1) Participantes do Fórum de EJA. Coordenadora pedagógica
	PE	(1) Representante do Fórum de EJA, estudante de Pedagogia.
	PB	(1) Representante do Fórum de EJA. (1) Estudante de Comunicação da UFPB.
	PI	(1) Representante do Fórum de EJA e professor universitário.
	RN	(1) Participante do Fórum de EJA e Professora na SEEC.
	SE	(1) Estudante de Informática.
Centro-Oeste	GO	(1) Participante do Fórum de EJA e Estudante de Pedagogia da UFG.
	MS	(1) Coordenadora do Fórum de EJA e gestora em EJA do Estado.
	MT	(1) Integrante do Conselho de Educação do Estado e supervisor escolar.
Sudeste	ES	(1) Professora universitária.
	MG	(1) Estudante de Filosofia da UFMG. (1) Estudante de Pedagogia da UFMG.
	RJ	(1) Estudante de Pedagogia da UERJ.
	SP	(1) Estudante de Pedagogia da USP.
Sul	PR	(1) Professora da rede estadual e pesquisadora em PROEJA.
	RS	(1) Representante do Fórum de EJA e professora municipal.
	SC	(1) Representante do Fórum de EJA e professor universitário.

Tabela 1: Perfil dos Administradores do Portal de 01 de outubro de 2008. Criada pela autora a partir das informações disponíveis em <<http://www.forumeja.org.br/perfiladm2010>>.

20/12/2010		
Região	Estado	Perfil (Quantos são e quem são?)
Norte	AC	(1) Estudante universitário.
	AM	(1) Pedagogo. Participa do Fórum de EJA. (1) Pedagoga. Participa do Fórum de EJA.
	AP	(1) Representante do Fórum de EJA e coordena PROEJA.
	PA	(2) Estudantes de Pedagogia.
	RO	(1) Professora e gestora de escola pública.
	RR	(1) Participante do Fórum de EJA.
	TO	(1) Orientador Educacional e Jornalista.
Nordeste	AL	(1) Estudante universitário em Ciências da Computação.
	BA	(2) Participantes do Fórum de EJA. (2) Estudantes de Pedagogia da UFBA.
	CE	(1) Pedagoga que coordena o Fórum de EJA.
	MA	(1) Pedagoga participante do Fórum de EJA
	PE	(1) Pesquisador em gestão de tecnologia de informação e comunicação na educação.
	PB	(0) Sem administrador na data do levantamento.
	PI	(1) Estudante de pós em Redes de Computadores. (2) Estudantes de Pedagogia na UFPI.
	RN	(1) Estudante de Gestão de Recursos Humanos.

		(1) Participante do Fórum de EJA e professor universitário. (1) Estudante de Geografia na UFRN.
	SE	(1) Pedagoga participante do Fórum de EJA.
Centro-Oeste	DF	(1) Estudante de Pedagogia na UNB.
	GO	(3) Estudantes de Pedagogia da UFG. Participam do Fórum Goiano de EJA. (1) Técnico em comunicação digital e elaboração de web sites.
	MS	(1) Técnica da Secretaria de Estado de Educação.
	MT	(2) Estudantes de Geografia pela UFMT. (1) Estudante de EJA – 3º Segmento.
Sudeste	ES	(2) Estudantes de Pedagogia da UFES. (1) Contador pela UFES.
	MG	(0) Sem administrador na data do levantamento.
	RJ	(1) Estudante de Pedagogia da UFRJ.
	SP	(1) Estudante de Pedagogia da USP.
Sul	PR	(0) Sem administrador na data do levantamento.
	RS	(1) Prestador de serviço para desenvolvimento do Portal. (2) Estudantes universitários.
	SC	(3) Estudantes universitários.

Tabela 2: Perfil dos Administradores do Portal de 20 de dezembro de 2010. Criada pela autora a partir das informações disponíveis em <<http://www.forumeja.org.br/perfiladm2010>>.

A partir dessas tabelas, pode-se perceber que a diversidade e os diversos segmentos do movimento dos Fóruns de EJA estão presentes também na administração do Portal dos Fóruns de EJA. Mas nota-se que, em 2010, predomina mais estudantes universitários, principalmente, do curso de Pedagogia, pedagogos (as) e integrantes do movimento dos Fóruns de EJA. Com isso, mantendo a coerência de administração descentralizada do Portal, ou seja, sujeitos ligados a EJA e ao movimento dos Fóruns de EJA, coletivamente, mantendo a construção e a sustentabilidade do Portal.

Especificamente, utilizamos, atualmente, os

softwares livres *Drupal* e o *phpBB*. São duas ferramentas de código aberto, que podem ser re-criadas e aperfeiçoadas a partir das necessidades do próprio movimento. Criado por Dries Buytaert em 2000, o *Drupal* é um sistema gerenciador de conteúdo (do inglês *Content Management System - CMS*) bastante flexível e mutável. É muito utilizado em comunidades virtuais, recebendo, em 2007, o prêmio de melhor CMS de código livre (Packt Publishing CMS Award). Trata-se de uma ferramenta indispensável no desenvolvimento de sites robustos, com grandes quantidades de conteúdo e colaborações entre usuários de forma rápida e eficiente. Todas essas funcionalidades, desenvolvidas com a ajuda de pessoas e coletivos de todo o mundo, estão disponíveis por meio de dezenas de módulos gratuitos disponibilizados na página do projeto. A comunidade *Drupal Brasil*

(<http://drupal-br.org>), como o nome já informa, foi criada com o propósito de disseminar e aperfeiçoar a ferramenta Drupal no Brasil. No ambiente interativo, utilizamos o *phpBB*, que é uma das soluções em código aberto mais utilizadas no mundo desde a sua criação, em 2000. Possui interface amigável e fácil de usar, com ferramentas administrativas poderosas e de instalação simples. Com uma série de funcionalidades importantes e altamente customizáveis, aliados a uma interface compatível, o *phpBB* é uma das formas mais populares de se criar e cultivar uma comunidade de diálogo virtual. Possui, em Portugal, uma comunidade com o propósito de aperfeiçoar a ferramenta (<http://www.phpbb-pt.com/>). (SOUZA, 2009, p. 18).

A partir desse aparato tecnológico, a comunicação no movimento dos Fóruns de EJA pode ser mediada ou não pelas TIC's. O importante é ressaltar que os espaços virtuais não podem substituir, totalmente, os espaços vivenciais de luta já existentes dos Fóruns de EJA, pois, esses dois espaços são reais, de naturezas distintas e ao mesmo tempo complementares.

Atualmente, o Portal disponibiliza um acervo virtual multimídia com a publicação de textos, artigos, teses, dissertações, banners, documentos, relatórios dos encontros, livros, links, imagens, produções em áudio e audiovisual. Além do caráter informativo, o Portal possibilita a comunicação entre as pessoas, fortalecendo uma rede de trocas em que se favorece o diálogo, surgindo a possibilidade de produção de novos conhecimentos acerca das problemáticas e avanços na Educação de Jovens e Adultos.

Com esse histórico do Portal dos Fóruns de EJA, a grande disponibilização desses materiais e essa interatividade que acontece na ferramenta, podemos perceber o salto de qualidade do Portal ao longo desses anos. A partir disso, os acessos aumentaram consideravelmente (tabelas 3, 4 e 5), a credibilidade cresceu junto aos movimentos e às entidades governamentais, tornando o Portal dos Fóruns de EJA uma referência na temática da educação de jovens e adultos no Brasil.

Número de visitas ao Portal nos respectivos meses de 2006	
Mês	Nº de visitas mensais
Junho	3.318
Agosto	3.713
Setembro	3.955

Tabela 3: Número de visitas em junho, agosto e setembro de 2006.

Número de visitas ao Portal nos respectivos meses de 2007	
Mês	Nº de visitas mensais
Fevereiro	2.991
Março	3.383
Abril	5.490

Tabela 4: Número de visitas em fevereiro, março e abril de 2007.

Número de visitas ao Portal nos respectivos meses de 2010 e 2011	
Mês	Nº de visitas mensais
Dezembro/2010	26.761
Janeiro/2011 (até 08/01)	11.725

Tabela 5: Número de visitas em dezembro de 2010 e janeiro de 2011.

O projeto do Portal dos Fóruns de EJA também utiliza como forma de estudo e pesquisa a pesquisa-ação do René Barbier¹⁴, a partir do tema da Educação de Jovens e Adultos e as TIC's. Vem sendo desenvolvido por estudantes da Universidade de Brasília sob a orientação de professores da Faculdade de Educação – Laura Maria Coutinho, Lúcio Teles, Maria Lídia Bueno Fernandes, Maria Luiza Pereira Angelim e Renato Hilário dos Reis, e do Centro de Desenvolvimento de Tecnologia e Conhecimento (CDTC) da UnB – professor Leonardo Lazarte do Departamento de Matemática / UnB, criando condições de oferecer, com o apoio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (SECAD/MEC), um ambiente virtual multimídia para os 27 Fóruns de EJA. Outro fator importante é que, em 2009, o Portal dos Fóruns de EJA foi aprovado também como Programa de Extensão da Universidade de Brasília.¹⁴

Durante essa trajetória e até hoje (2º/2006 – 2º/2010), uma “equipe” (Fig. 1) vem desenvolvendo esse importantíssimo projeto e mantendo vivo esse Portal. Além dos

¹⁴ René Barbier é professor de Ciências da Educação na Universidade de Paris 8, co-diretor do Centro de Pesquisa sobre o Imaginário Social e a Educação (Crise) e diretor do Laboratório Educação e Culturas (Liec). Autor de *Pesquisa-ação na instituição educativa* (1977), obra publicada no Brasil pela Zahar Editora, e de *L'approche transversale: l'écoute sensible em sciences humaines* (Anthropos, 1997), referências fundamentais sobre pesquisa-ação. Dedicou-se, atualmente, ao estudo da mestiçagem cultural e axiológica e à reflexão sobre a pertinência da obra de J. Krishnamurti para a pesquisa em educação (<http://home.fr.inter.net:barbier/>). Autor também de *A Pesquisa-Ação*, obra publicada no Brasil pela Liber Livro Editora (2002), que trata da pesquisa-ação, em particular existencial, com conceitos de escuta sensível, da idéia de pesquisador coletivo, da complexidade, no sentido de contribuir para o desenvolvimento de atitudes e formas de ação investigativas e transformadoras na área educacional. (BARBIER, René. *A pesquisa-Ação*. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2004).

professores orientadores, destaco as participações de Ezequiel Antônio Rezende Pereira Neves (Pedagogo), João Felipe de Souza (Pedagogo), Reginaldo Lemos dos Santos (Pedagogo), Meire Cristina Cunha (Administradora Pública e estudante de Pedagogia), Luís Fernando Celestino da Costa (estudante de Pedagogia), Isadora Santos Moraes (estudante de Pedagogia), Juliana Duarte Arraes (Pedagoga), Danielle Estrela Xavier (estudante de Pedagogia) e Samuel de Souza Teixeira Junior (estudante de Ciências da Computação). Ainda fazem parte dessa equipe os vários outros administradores dos Fóruns estaduais de EJA. Possivelmente, sem essa construção coletiva, troca de experiências e conhecimentos não teríamos mantido e avançado no desenvolvimento do Portal dos Fóruns de EJA por uma educação de jovens e adultos trabalhadores (EJAT) de qualidade e libertadora.



Figura 1: Equipe do Portal – 3 de agosto de 2009 – FE/UnB.

A relação com o grupo do projeto de pesquisa do Portal trouxe momentos e vivências que acrescentaram muito na minha formação como estudante de Pedagogia, como pessoa e na construção da minha concepção de educação. Desde tarefas pontuais às formativas do projeto, por exemplo, manuseio das ferramentas tecnológicas; produção de audiovisual; estudos sobre a EJA, as TIC's, a pesquisa-ação, a consciência humana, entre outras temáticas; criação do manual de aprendizagem do Portal da versão 3.0 (maio/2008), 4.0 (2009/10) e 5.0 (2010/11); na relação concreta de ensino-aprendizagem baseada na construção coletiva com os outros

participantes do projeto de pesquisa; no auxílio à formação de outros estudantes que passaram pelo projeto; nas oficinas do Portal realizadas nos encontros, nos ENEJA's e nos outros Fóruns Estaduais (p. 19); na organização das atividades do Portal nas Semanas de Extensão da UnB; participação na Audiência Pública Legislativa pela EJA na cidade da Estrutural em 14/04/2009; mas, principalmente, nas relações pessoais construídas entre os integrantes da equipe, na qual se encontram sujeitos diferentes, com histórias de vida distintas, cada um com um tipo de personalidade, ou seja, como equilibrar todos esses fatores sem que isso possa contaminar o grupo e para que realmente se realize uma construção coletiva em prol de um objetivo comum – o desenvolvimento do Portal dos Fóruns de EJA na luta por uma educação de jovens e adultos de qualidade e libertadora ao longo da vida?

Dentre as atividades relatadas anteriormente, realizadas ao longo desses quatro anos e meio que participo do projeto de pesquisa do Portal dos Fóruns de EJA, destaco algumas que considero muito importantes e algumas reflexões, ou seja, como me percebo nesse processo de auto-hetero-ecoformação (PINEAU, 2008) durante a minha trajetória nesse projeto que norteou a minha formação na graduação de pedagogia:

– Nos grupos de estudos realizados sobre a EJA, as TIC's, a pesquisa-ação, a consciência humana, entre outras temáticas de estudo, na relação concreta de ensino-aprendizagem com os outros participantes do projeto de pesquisa e no auxílio à formação de outros estudantes que passaram pelo projeto, fui capaz de perceber, realmente, a complexidade de efetivar esse projeto tendo por base a construção coletiva. Pude compreender que, de fato, essa interatividade político-pedagógica do grupo resulta da construção de autonomia, de libertação e da “escuta sensível” (BARBIER, 2004) em torno do objetivo comum do Portal dos Fóruns de EJA. Nesses grupos de estudos pude conhecer e me aproximar da leitura de determinados autores e suas respectivas obras:

a) Com o texto “A teleducação nos tempos da Internet”, de Maria Luiza Pereira Angelim (2006), pude perceber que a educação atual precisa assumir essa dimensão da questão existencial do ser humano, além das dimensões cognitivas, políticas, culturais e corporais dos sujeitos nos ambientes educativos. Outro texto dessa mesma autora, que contribuiu com a minha formação, foi o “Verbete Pedagogia da Libertação” (2006), pois consegui compreender melhor a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (FREIRE, 2005), juntamente, com a relação opressor-oprimido que cada um possui dentro de si e a busca permanente pela liberdade;

b) Com a autora Jaqueline P. Ventura – doutora em educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e integrante do Fórum EJA/RJ, em “Educação de Jovens e Adultos no Brasil: revendo alguns marcos históricos” (2001), conheci melhor a histórica da EJA no Brasil, a partir do ponto de vista histórico, dos trabalhadores e dos movimentos sociais em prol da EJA existentes no Brasil ao longo desses anos. E, principalmente, compreender o porquê da falta de uma efetiva política pública de Estado, ao longo desses anos, para essa modalidade de ensino;

c) No texto “Trabalho assalariado e capital”, de Karl Marx e Friedrich Engels (1961), pude refletir sobre os conceitos do modo de produção, força de trabalho, mais-valia, acúmulo do capital, exploração dos trabalhadores assalariados e as relações de trabalho no sistema capitalista. Considero a compreensão desses conceitos importantíssimos para se pensar numa Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores (EJAT);

d) Na entrevista “Trabalho x Capital”, do sociólogo Ricardo Antunes a Caros Amigos, em 2007, Antunes traz importantes reflexões sobre o mundo do trabalho desde o nascimento do sistema capitalista até o mundo atual, além de apontar um panorama para o futuro em relação ao mundo do trabalho e ao sindicalismo. Nessa entrevista também revela algumas críticas pertinentes ao governo Lula, ao sindicalismo no Brasil e à CUT, pontuando uma nova morfologia das lutas sociais. Já no seu artigo sobre “A luta pela redução da jornada de trabalho” (2008), aborda a questão da redução da jornada ou tempo de trabalho devido ao patamar tecnológico alcançado pelo capitalismo. Mas não perde o ponto de vista histórico da questão, no sentido de ressaltar que essa é uma reivindicação e luta histórica da classe trabalhadora;

e) O texto: A atualidade do pensamento de Paulo Freire e as políticas de EJA – “O saber de experiência feito” Camões e Paulo Freire, da autora Maria Margarida Machado (2007) – doutora em educação e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Goiás (UFG) e integrante do Fórum Goiano de EJA, aborda que o educando da EJA possui toda uma bagagem cultural e de história de vida. Conseqüentemente, já possui também uma visão de mundo, sociedade e cultura em que está inserido, no qual seria esse “saber de experiência feito”, como consta nas obras de Luís Vaz de Camões e de Paulo Freire. Em relação à EJA, muitas vezes, essas experiências de vida não são reconhecidas pela sociedade, e, principalmente, pelo professor dessa modalidade de ensino. A partir disso, a autora destaca a importância desse sujeito (nos seus planos: físico, emocional e mental) se perceber e se reconhecer como um ser criador;

f) O filósofo Pièrre Lévy, no texto “Educação e cibercultura” (1998), ajuda os educadores a compreenderem a nova relação do saber com a constante presença das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC’s) na sociedade atual. Abordando questões como a construção coletiva do saber, as mutações da educação e da economia do saber, o aprendizado na Educação a Distância e o novo papel dos docentes nessa conjuntura atual da relação de ensino-aprendizagem;

g) Com o sociólogo Manuel Castells, nos textos “A sociedade em rede” (1999), “Os desafios da sociedade de rede” (2003) e “A política da Internet I: redes de computadores, sociedade civil e o Estado” (2003), temos o conceito sobre a sociedade em rede e suas implicações nos âmbitos da economia, política e cultura, principalmente, os desafios nesse novo tipo de sociedade, ou seja, conectadas em redes. No último texto, Castells traz a configuração dos movimentos sociais em rede, a questão da cultura digital pública, a democracia, a política informacional e a questão política da Internet;

h) No texto “Sobre O Tao da Física”, do físico brasileiro Mário Schenberg (1985), pude conhecer um pouco das relações entre o conhecimento/saberes do mundo Ocidental e Oriental, e também ter um primeiro contato com a teoria da física quântica e suas possíveis implicações na educação;

i) No texto “Outra educação a distância é possível: comunidade de trabalho/aprendizagem em rede (CTAR)”, encontra-se um breve antecedente histórico da Educação a Distância (EAD) no Brasil desde o início da era do rádio. Pois, geralmente, quando falamos em EAD para essa geração da era da Internet, apenas relacionamos a EAD com o computador. O texto também traz um conceito muito importante que é “uma outra EAD é possível”. Esse conceito implica a educação de ser ou não mediada pelas TIC’s, ou seja, não existe a questão do “ou” – ser presencial *ou* virtual, é necessário que esses dois espaços sejam complementares – ser presencial *e* virtual. Além de apresentar outro conceito de EAD, isto é, sem essa perspectiva mercadológica e de lucro. E, principalmente, que o grupo CTAR baseia-se nos seguintes pressupostos:

a convicção de que uma educação tecnológica pode ser baseada no diálogo, em oposição à mera transmissão verticalizada e assimétrica de conteúdos e conhecimentos; a ação cooperativa e colaborativa entre os sujeitos, que deve prevalecer sobre a competição individualizada; a aprendizagem que valoriza o trabalho reflexivo, em vez do simples acúmulo de informações; a comunicação em rede voltada para a convivência, em vez de levar ao isolamento e ao individualismo; e, finalmente, a afirmação de uma educação a distância direcionada para uma ação transformadora, em vez de atividade

meramente reprodutora de conhecimentos sem compromisso com a mudança da realidade. (SOUZA; FIORENTINI; RODRIGUES, 2009, p. 11).

– Nas oficinas do Portal realizadas nos encontros, nos ENEJA's (p. 19 e Fig. 3) e em outros Fóruns Estaduais – como o que participei, em agosto de 2007, onde o Fórum Goiano de EJA convidou a Equipe do Portal de Brasília para realizar uma oficina para os administradores da página do Fórum Goiano de EJA (forumeja.org.br/go) no Campus da Universidade Federal do Goiás (UFG) na perspectiva de avançar na construção do sítio (Fig. 2); foram oficinas que me proporcionaram conhecer os diversos administradores dos outros fóruns estaduais, trocar experiências sobre a dinâmica dos demais fóruns estaduais e, realmente, perceber a rede de conhecimento construída a partir da administração descentralizada do Portal dos Fóruns de EJA.



Figura 2: Oficina do Portal dos Fóruns de EJA Brasil – 25 de agosto de 2007 – Goiânia/GO (Campus da UFG). Disponível em: <http://forumeja.org.br/manual_aprendizagem_5.0>.



Figura 3: Oficina do Portal dos Fóruns de EJA Brasil no X ENEJA – 27 a 30 de agosto de 2008 – Rio das Ostras/RJ. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/index.php/gallery2/v/Brasil/xeneja/oficina/oficinaportal2.jpg.html?q=gallery>>.

– Outra atividade desenvolvida que considero importantíssima para o avanço do Portal dos Fóruns de EJA foram as orientações a distância para os administradores dos Fóruns de EJA estaduais. Ao longo desses anos, orientei geralmente estados da região Norte e Nordeste. Essas orientações foram realizadas através de *e-mails*, fórum de discussão do Portal, MSN, telefone, oficinas do Portal e o manual de aprendizagem (p. 33). Todos os recursos citados e utilizados na orientação, considero de extrema importância e complementares para o avanço dos sítios estaduais que orientei ao longo desses anos. Para demonstrar esse avanço, abaixo segue duas fotos da página da Bahia – <http://forumeja.org.br/ba/>, (Figs. 4 e 5).

Figura 4: Sítio da Bahia – 8 de setembro de 2010. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/ba/>>.



Figura 5: Sítio da Bahia – 17 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/ba/>>.

– Já na elaboração do manual de aprendizagem do Portal da versão 3.0 (maio/2008), 4.0 (2009/10) e 5.0 (2010/11) – das quais participei, foi uma experiência interessante e inusitada para uma estudante de pedagogia. Esse manual de aprendizagem é um material importantíssimo na formação dos administradores do Portal dos Fóruns de EJA, pois, contém informações e fotos detalhadas (passo a passo) de como fazer a administração da ferramenta do Portal. A necessidade de criar e fazer a constante atualização desse manual é devido à atualização da ferramenta do Portal ou ao uso de novas ferramentas ou programas, pela administração descentralizada do Portal, por buscar uma autonomia da aprendizagem. Mesmo com mais esse recurso de formação, continuamos fazendo as orientações ou oficinas presenciais ou virtuais com os administradores; e auxiliar e facilitar nas orientações dos administradores do Portal. No processo de produção desse manual, considero que se deu de fato uma construção coletiva da Equipe do Portal, desde ideias até a concretização para o término da confecção. A dinâmica utilizada nessa construção coletiva foi cada um da Equipe ficar responsável em fazer uma parte desse manual – além é claro, de participar das etapas e decisões coletivas. Eu, particularmente, fiquei responsável nas diversas versões de criar as partes: logística da página principal, como criar uma galeria de imagens, como adicionar imagens à galeria, como criar menu, como adicionar item ao menu e, como criar e ativar um bloco. Durante a realização desse trabalho, pude refletir a importância de educadores criarem um manual sobre uma ferramenta tecnológica com um olhar pedagógico, ou seja, preocupados com a compreensão, clareza e aspectos pedagógicos desse manual para o

público-alvo. Demonstrando também a importância e a possibilidade dos pedagogos se apropriarem dessa linguagem e conhecimento tecnológico.

– No dia 14 de abril de 2009, participei da Audiência Pública Legislativa pela Educação de Jovens e Adultos na Cidade Estrutural, fruto da mobilização dos moradores junto ao Grupo de Educação e Cultura da cidade. Participaram da Audiência: Erika Kokay – Deputada Distrital/PT; Vanderlina Corrêa – Moradora da Cidade Estrutural e Educadora Popular; Maria Luiza Pereira Angelim – Professora da FE/UnB; Maria Nazaré de Oliveira Mello – Diretora da Regional de Ensino do Guará; Luisa Marillac – Promotora da Infância e da Juventude do DF; Ismael de Oliveira Caetano – Representante da Prefeitura Comunitária da Cidade Estrutural/DF; Abraão Moreira – Administrador interino da Cidade Estrutural/DF; José Edilson – Gerente de EJA da Secretaria de Educação do DF; Ismael José – Diretor de Políticas Sociais da CUT; Deuzani Noletto – integrante do GTPA – Fórum EJA/DF; Paulo Batista – Vice-prefeito Comunitário da Cidade Estrutural/DF; Fernando Figueiredo e Abadia Teixeira – Moradores da Cidade Estrutural/DF; Maria Eugênia e Micheli Costa – Grupo Escola Livre; Francisca das Chagas – Moradora da Cidade Estrutural/DF e estudante de EJA; estudantes da UnB; Equipe do Portal; e algumas pessoas da comunidade da Estrutural. Como desdobramento desse processo, em julho do mesmo ano, a Cidade Estrutural conquista o direito à EJA e passa a oferecer a modalidade de ensino nos três segmentos em escolas públicas da própria cidade: Centro de Ensino Fundamental 01 (CEF 01) e Centro de Ensino Fundamental 02 (CEF 02). Essa experiência foi muito significativa, pois nunca tinha participado de uma audiência pública, além disso, participar de uma atividade que gerou resultados muito importantes para essa comunidade. Além de reafirmar a importância da mobilização popular, organizada e reivindicadora em torno de uma problemática para a transformação social.

Em 2006, o projeto do Portal dos Fóruns de EJA iniciou a oferta como Projeto 3, no currículo acadêmico de Pedagogia da FE/UnB, com o nome de “Desenvolvimento de Comunicação e Aprendizagem Virtual Multimídia em Rede Social para Formação de Professores em Educação de Jovens e Adultos – Portal dos Fóruns de EJA do Brasil (www.forumeja.org.br)”. O projeto foi ministrado pela professora Maria Luiza Pereira Angelim. O Projeto 3 consiste em criar um espaço de pesquisa e estudo sobre o movimento social em prol da EJA e a sua potencialidade no ambiente virtual multimídia. A metodologia escolhida é a pesquisa-ação e os estudantes buscaram o mapeamento da EJA na sua respectiva cidade de moradia e/ou trabalho, pelos diversos segmentos organizados que fazem parte do GTPA-FÓRUM EJA/DF, re-conhecendo a problemática e os desafios enfrentados pelos

trabalhadores da educação de jovens e adultos. Dentro desse contexto e espaço explicado, cursei minhas três etapas de Projeto 3 (2º/2007, 1º/2008 e 2º/2008) no projeto do Portal dos Fóruns de EJA, em que tive oportunidade de estudar e compreender a EJA no meu local de moradia – o Cruzeiro, conhecer a história e dados da minha cidade, fazer o trabalho de campo nas escolas públicas do Cruzeiro que ofertavam EJA, confrontar os dados oficiais relativos à EJA com a minha pesquisa de campo, alimentar a página da minha cidade (Fig. 6) no sítio do DF (<http://forumeja.org.br/df/cidades>) e, posteriormente, exercer a função de monitora. Mas imagino que o principal foi ter descoberto e aflorado o sentimento de pertencimento ao meu local de moradia, o conhecimento sobre a cidade e a EJA no Cruzeiro.



Figura 6: Página do Cruzeiro – 9 de janeiro de 2011. Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/?q=node/193>.

Além das atividades do Projeto 3, outro ambiente do currículo acadêmico que contribuiu para minha formação foram as disciplinas, principalmente, as disciplinas de Didática Fundamental (2º/2008) e Educação de Adultos (1º/2010) com a professora Maria Luiza Pereira Angelim. Nesses três espaços distintos de formação do nosso currículo acadêmico e em períodos diferentes, obtive o primeiro contato com a modalidade da EJA no ambiente escolar e realizei trabalhos de campo significativos sobre a EJA na rede pública do Distrito Federal e no ambiente de trabalho – no caso sobre um curso de EAD ofertado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI Nacional).

No Projeto 3, também tive a oportunidade de conhecer o Movimento Vital Expressivo – Rio Abierto (Fig. 7) que se caracteriza por ser um espaço para o desenvolvimento humano. O Sistema Rio Abierto foi criado em 1966 por Maria Adela Palcos, em Buenos Aires, mas, atualmente, opera em vários outros países. Seus objetivos são libertar os sentidos, as sensações e expressá-las com prazer, dando sentido ao plano psicológico através das técnicas psicocorporais, massagem circulatória-energética, a meditação em movimento, a dramatização, o trabalho com a voz, artes plásticas e o trabalho sobre si. Com isso, conduzindo para uma expansão da consciência e experiência transpessoal, em que “qualquer processo de desenvolvimento humano exige mobilizar esse ser energético que é o homem”. (ANDRÉ; TELES, 2008). Assim, acredito que são aspectos fundamentais na formação do pedagogo trabalhar e relacionar na formação do ser humano a questão do conhecimento (cognição), da mente/consciência humana e a atividade corporal.



Figura 7: Logomarca e uma aula do Movimento Vital Expressivo (Rio Abierto) – 9 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://www.rioabierto.org.ar/>>.

As experiências e participações nesses vários espaços e movimentos diferentes, do currículo acadêmico ou não, este atuando de forma complementar, contribuíram e acrescentaram muito na minha formação como pedagoga. Não desprezando as disciplinas, creio que aprendizados importantes para minha formação durante a graduação foram conquistados fora das quatro paredes da sala de aula e sempre norteados pelo projeto do Portal dos Fóruns de EJA. Dessa forma, a prática aliada à teoria, no sentido de ampliar os âmbitos de formação do pedagogo, e tendo em vista que este é um profissional que precisa ter a formação plena nos âmbitos da cognição, das TIC's, da corporeidade e da consciência humana, e que

precisa estar apto a trabalhar com essas dimensões do ser humano na educação, todos os ambientes de aprendizado que frequentei foram decisivos para minha formação, que é constante. Por isso, acredito que estarei em formação contínua, e, com certeza, irei buscar essa formação permanente como uma eterna pedagoga em construção.

Parte 3: Um olhar da estudante de Pedagogia sobre a tecnologia.

Quando entrei no projeto de pesquisa do Portal dos Fóruns de EJA, tinha uma visão muito simplista e de massa sobre as linguagens tecnológicas, por exemplo, que a tecnologia não era boa para os movimentos sociais, para os trabalhadores e que aumentaria a taxa de desemprego no país. Além, é claro, da aversão em operar aparelhos tecnológicos.

Com o tempo, com o estudo e as discussões no grupo do projeto de pesquisa, pude perceber que não sabia nada sobre o assunto e ainda tinha uma opinião formada sem embasamento teórico e prático para tal. Nesse contexto, comecei a me interessar pela temática das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) – a Internet, que surge no Brasil, a partir de 1995, num processo de grande avanço tecnológico em várias partes do mundo e, ao mesmo tempo, provocando várias transformações nas relações do mundo do trabalho, na educação, na economia, na questão do conhecimento, na cultura, na saúde e em vários outros setores da sociedade. Atualmente, podemos dizer que, nessa sociedade em rede¹⁵ não existem áreas alheias ao desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação, ou seja, as tecnologias vieram para ficar e mesmo que sejamos resistentes a elas, com certeza ficaremos a reboque da história da humanidade.

Observando essas transformações, principalmente, na economia, na organização do trabalho, na educação e na questão do conhecimento verifica-se também uma apropriação do capital sobre essas novas linguagens tecnológicas, exigindo cada vez mais trabalhadores qualificados, com espírito de iniciativa, autonomia da aprendizagem na perspectiva individualista e responsabilidade, em que o objetivo principal continua sendo o talento para os negócios e a geração do lucro para uma pequena parcela da sociedade. Mesmo essa dinâmica perpetua um processo excludente para determinadas classes sociais.¹⁵

¹⁵ Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura.

Por outro lado, também podemos pensar e utilizar essas novas linguagens tecnológicas para mobilização e emancipação da classe trabalhadora, ou seja, como os movimentos sociais podem se apropriar dessa linguagem com independência tecnológica e política na atual sociedade da informação e do conhecimento? Nesse viés, o Portal dos Fóruns de EJA foi muito importante, pois, na questão das TIC's, há possibilidade de criar novas desigualdades, acentuar o espírito consumista e esvaziar o potencial criativo e produtivo popular, ou há também a possibilidade de fazer diferente, ou seja, potencializar uma sociedade mais equitativa, a construção do conhecimento coletivamente e melhorar as condições para o desenvolvimento de uma população mais ativa, criativa, coletiva, consciente e que detenha a autonomia da aprendizagem na perspectiva colaborativa.

A partir disso, como podemos concretizar e proporcionar essa independência tecnológica e política na utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação? Primeiramente, é necessário pensar no acesso a essas tecnologias. Como sabemos, o acesso público continua a ser mais difícil para as camadas populares, ou seja, o custo dos aparelhos tecnológicos (computadores, câmeras digitais, entre outros) e o acesso à Internet ainda é elevado para aqueles que estão à margem da sociedade. Atualmente, uma das formas de acesso à Internet dessas pessoas tem sido as *Lan Houses* (uma forma de acesso privado à Internet). Mas a pesquisa da PNAD 2009 investigou 399.387 pessoas em 153.837 domicílios por todo o país, o que demonstra a mudança desse panorama e o aumento da aquisição de microcomputadores com acesso à Internet por parte da população brasileira:

Em 2009, 35% dos domicílios investigados em todo o país (20,3 milhões) tinham microcomputador, frente a 31,2% em 2008, e 27,4% (16 milhões) também tinham acesso à Internet, contra 23,8% em 2008. A região Sudeste se manteve acima das duas médias nacionais: 43,7% e 35,4%, respectivamente. As regiões Norte (13,2% dos domicílios com computador) e Nordeste (14,4%) ainda seguiam com as menores proporções. Em 2009, 67,9 milhões de pessoas com 10 ou mais anos de idade declararam ter usado a Internet, o que representa um aumento de 12 milhões (21,5%) sobre 2008. Em 2005, a Internet tinha 31,9 milhões de usuários; o aumento no período foi de 112,9% e observado em todas as regiões. O Sudeste se manteve com o maior percentual de usuários (48,1% em 2009 e 26,2% em 2005). As regiões Norte (34,3% em 2009 e 12% em 2005) e Nordeste (30,2% em 2009 e 11,9% em 2005) apresentaram os menores percentuais em cada ano, mas registraram os maiores aumentos percentuais nos contingentes de usuários (respectivamente, 213,9% e 171,2%). (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009 – divulgada em 8 de setembro de 2010. Disponível em:

(CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Tradução: Roneide Venâncio Majer. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vl. 1. São Paulo. Paz e Terra, 1999).

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1708&id_pagina=1>. Acesso em: 9 jan. 2011).

Para continuar avançando em relação ao acesso às TIC's, comunidades, os grupos organizados ou movimentos sociais podem mobilizar-se para reivindicar ao Estado a criação de condições para que grupos possam ter acesso gratuito a computadores, Internet, entre outros equipamentos que possam ser utilizados em diversas modalidades e por inúmeros usuários. Além disso, estes espaços podem e devem possuir Internet com uma conexão de banda larga, como os Telecentros¹⁶. Para demonstrar o avanço dos Telecentros no Brasil, segue adiante as tabelas 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12 com seus respectivos gráficos relativos à quantidade de Telecentros existentes no país, nos anos de 2006, 2007 e 2011, com dados retirados da GESAC¹⁷ – Pontos de presença em operação: ¹⁶ ¹⁷

GESAC – Telecentros: pontos de presença em operação 2006/2007/2011 no Brasil.

País	2006	2007	2011
Brasil	3195	3789	10777

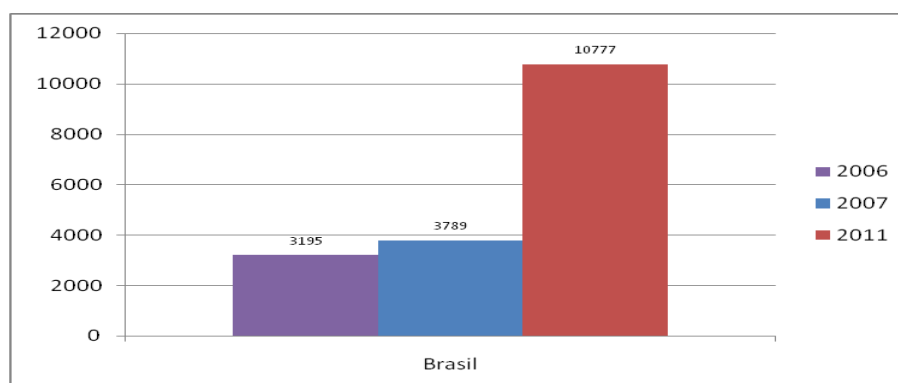


Tabela 6: GESAC, Pontos de presença em operação - Janeiro/2011. Criada pela autora a partir das informações disponíveis no endereço: <<http://forumeja.org.br/node/1062>> e <<http://www.gesac.gov.br/administracao-de-pontos/localizacao-dos-pontos-de-presenca-em-operacao>>.

¹⁶ Telecentros são espaços com computadores conectados à Internet banda larga. Cada unidade possui normalmente entre 10 e 20 micros. O uso livre dos equipamentos, cursos de informática básica e oficinas especiais são as principais atividades oferecidas à população. Cada Telecentro possui um Conselho Gestor, formado por membros da comunidade e eleitos pela mesma, que ajudam os funcionários na fiscalização e gestão do espaço. É um projeto de uso intensivo da tecnologia da informação para ampliar a cidadania e combater a pobreza, visando garantir a privacidade e segurança digital do cidadão, sua inserção na sociedade da informação e o fortalecimento do desenvolvimento local. Um dos objetivos principais do projeto é organizar uma rede de unidades de múltiplas funções que permita às pessoas adquirirem autonomia tecnológica básica e privacidade a partir do *software livre*. (Disponível em: <<http://www.forumeja.org.br/telecentros>>. Acesso em: 9 jan. 2011).

¹⁷ O GESAC é um programa de inclusão digital do Governo Federal, coordenado pelo Ministério das Comunicações – através do Departamento de Serviços de Inclusão Digital – que tem como objetivo promover a inclusão digital em todo o território brasileiro. Para oferecer uma alternativa de acesso ao computador e à Internet, o GESAC e seus parceiros disponibilizam a infraestrutura fundamental para a expansão de uma rede. Milhares de brasileiros passam a dispor de equipamentos de informática e, ainda, do acesso à Internet. É a oportunidade de inserção no mundo das tecnologias de informação e comunicação por meio de uma iniciativa governamental pública, gratuita e democrática. (Disponível em: <<http://www.gesac.gov.br/programa-gesac/o-que-e-o-gesac>>. Acesso em: 9 jan. 2011).

GESAC – Telecentros: pontos de presença em operação 2006/2007/2011 nas regiões brasileiras.

REGIÕES	2006	2007	2011
Norte	446	677	1406
Nordeste	1059	1386	5198
Centro - Oeste	235	258	570
Sudeste	1043	1007	2695
Sul	412	461	908
Total	3195	3789	10777

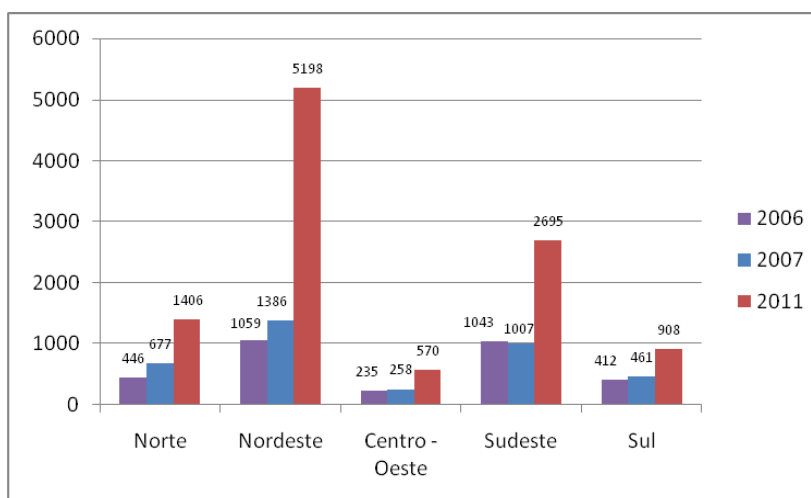


Tabela 7: GESAC, Pontos de presença em operação - Janeiro/2011. Criada pela autora a partir das informações disponíveis no endereço: <<http://forumeja.org.br/node/1062>> e <<http://www.gesac.gov.br/administracao-de-pontos/localizacao-dos-pontos-de-presenca-em-operacao>>.

GESAC – Telecentros: pontos de presença em operação 2006/2007/2011 na Região Norte.

ESTADOS	2006	2007	2011
AC	41	88	98
AP	38	249	101
AM	84	42	305
PA	166	172	501
RO	46	48	62
RR	21	24	144
TO	50	54	195
Total	446	677	1406

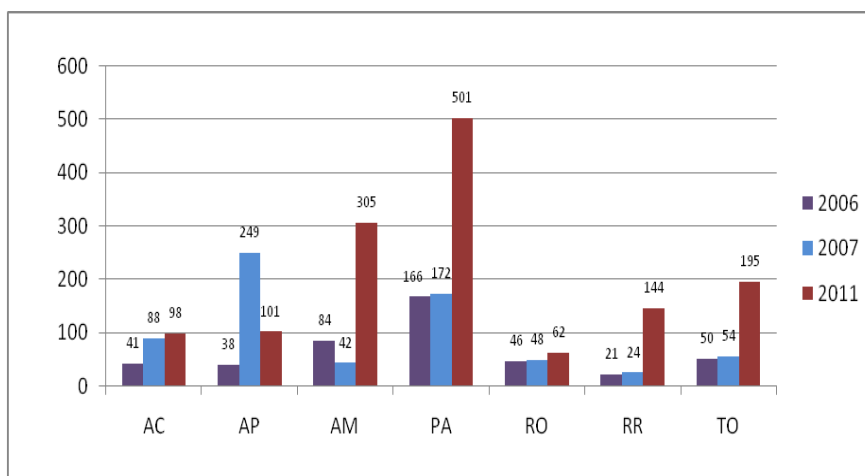


Tabela 8: GESAC, Pontos de presença em operação - Janeiro/2011. Criada pela autora a partir das informações disponíveis no endereço: <<http://forumeja.org.br/node/1062>> e <<http://www.gesac.gov.br/administracao-de-pontos/localizacao-dos-pontos-de-presenca-em-operacao>>.

GESAC – Telecentros: pontos de presença em operação 2006/2007/2011 na Região Nordeste.

ESTADOS	2006	2007	2011
AL	35	99	264
BA	230	369	1253
CE	248	269	746
MA	103	119	753
PB	70	80	468
PE	187	206	521
PI	74	101	511
RN	84	110	470
SE	28	33	212
Total	1059	1386	5198

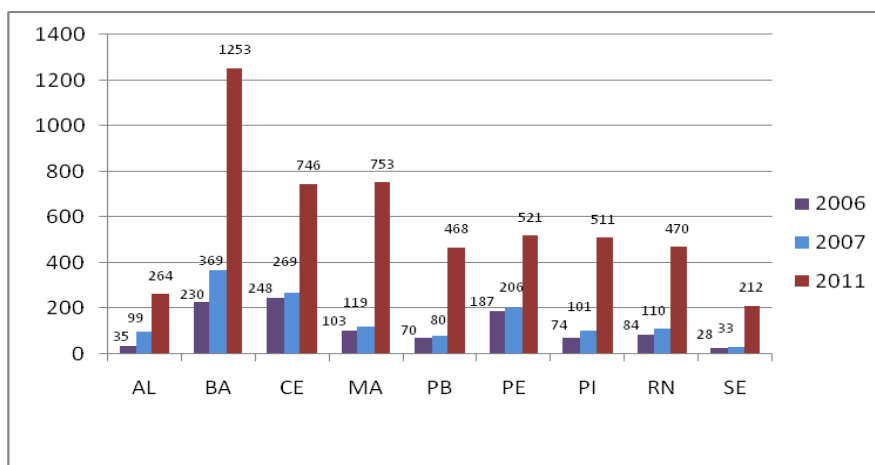


Tabela 9: GESAC, Pontos de presença em operação - Janeiro/2011. Criada pela autora a partir das informações disponíveis no endereço: <<http://forumeja.org.br/node/1062>> e <<http://www.gesac.gov.br/administracao-de-pontos/localizacao-dos-pontos-de-presenca-em-operacao>>.

GESAC – Telecentros: pontos de presença em operação 2006/2007/2011 na Região Centro-Oeste.

ESTADOS	2006	2007	2011
DF	26	35	26
GO	85	93	248
MT	60	59	173
MS	64	71	123
Total	235	258	570

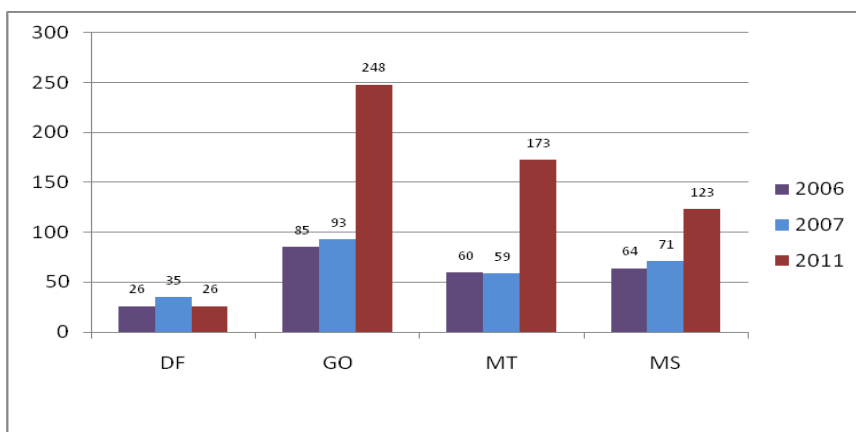


Tabela 10: GESAC, Pontos de presença em operação - Janeiro/2011. Criada pela autora a partir das informações disponíveis no endereço: <<http://forumeja.org.br/node/1062>> e <<http://www.gesac.gov.br/administracao-de-pontos/localizacao-dos-pontos-de-presenca-em-operacao>>.

GESAC – Telecentros: pontos de presença em operação 2006/2007/2011 na Região Sudeste.

ESTADOS	2006	2007	2011
ES	69	81	153
MG	433	485	1633
RJ	162	167	175
SP	379	274	734
Total	1043	1007	2695

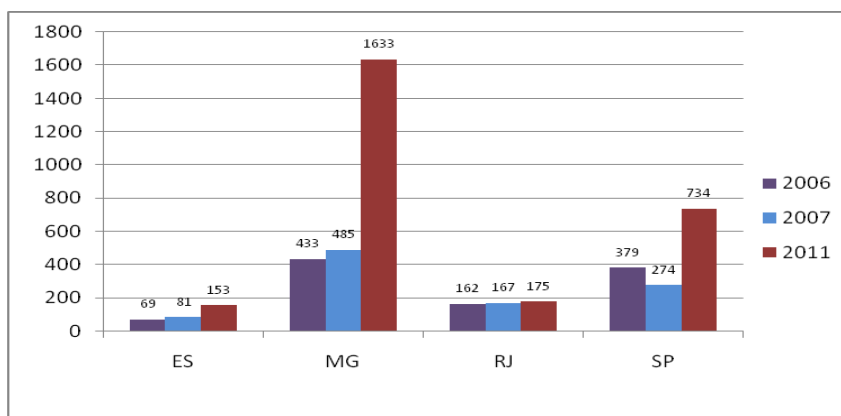


Tabela 11: GESAC, Pontos de presença em operação - Janeiro/2011. Criada pela autora a partir das informações disponíveis no endereço: <<http://forumeja.org.br/node/1062>> e <<http://www.gesac.gov.br/administracao-de-pontos/localizacao-dos-pontos-de-presenca-em-operacao>>.

GESAC – Telecentros: pontos de presença em operação 2006/2007/2011 na Região Sul.

ESTADOS	2006	2007	2011
PR	139	147	363
RS	189	217	404
SC	84	97	141
Total	412	461	908

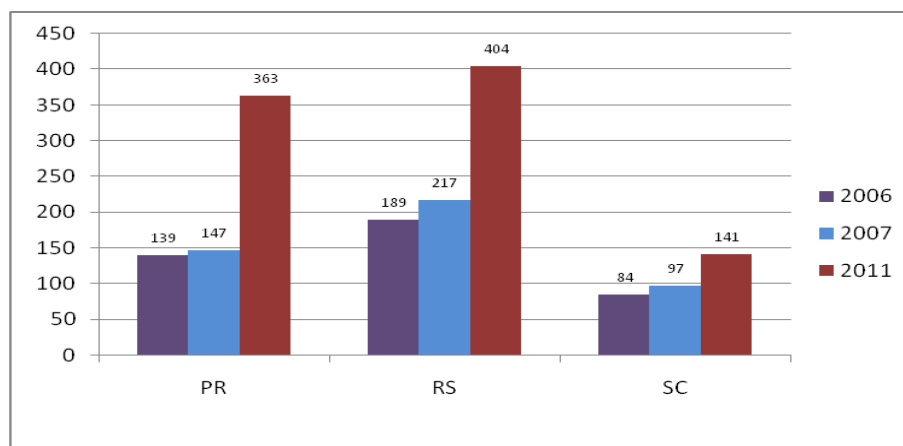


Tabela 12: GESAC, Pontos de presença em operação - Janeiro/2011. Criada pela autora a partir das informações disponíveis no endereço: <<http://forumeja.org.br/node/1062>> e <<http://www.gesac.gov.br/administracao-de-pontos/localizacao-dos-pontos-de-presenca-em-operacao>>.

A partir das tabelas e dos gráficos acima, pode-se analisar que houve um avanço significativo da quantidade de Telecentros, nos respectivos anos, no país e nos estados brasileiros. Pegando, como exemplo, os estados do Pará e da Bahia que tiveram um aumento significativo ao longo desses anos, observa-se também uma associação da política de construção dos Telecentros no país por parte do governo federal com o panorama político (governo estadual e municipal) de cada estado.

Outra discussão fundamental é a de "para quê" fomentar a utilização das novas tecnologias. Assim como nas relações vivenciais (presenciais), na virtualidade também existe dois tipos de concepção de como acontece essa acessibilidade. A primeira é a de um simples usuário – aquela pessoa que domina as ferramentas já existentes de um computador (sabe acessar a Internet, escreve e edita seus textos e elabora uma arte num programa de edição de fotos e imagens), mas não tem a capacidade de adequar as ferramentas (*softwares*) nem de criar novas ferramentas a partir de suas necessidades. Já o segundo tipo de usuário é o transformador/criador, que consegue transformar, adaptar e criar outros programas, pois nem sempre esses programas existentes suprem a necessidade do usuário num determinado trabalho.

Atualmente, a partir dessa análise, existe uma grande discussão em torno do conceito sobre o *Software* Livre. Existem dois tipos de *softwares* (programas) – o *software* proprietário e o *software* livre. O *software* proprietário possui o código fonte fechado, ou seja, você utiliza esse programa, mas não pode alterá-lo em nada, pois ele não te possibilita ver como foi feita sua programação. Diferente do *software* livre que é elaborado com esse código fonte aberto e, devido a isso, qualquer pessoa que tenha esse programa e possua o conhecimento de programação (dominar a linguagem em que os programas são feitos) poderá adequá-lo da melhor forma possível para atender as suas necessidades. Com isso, pode-se refletir o porquê de a maioria dos usuários não possuir esse conhecimento na sua formação ou aprendizado das tecnologias. Com isso não pretendo afirmar que todas as pessoas deveriam possuir esse conhecimento, mas ao mesmo tempo em que aprendemos a utilizar o computador como simples usuários, poderíamos também aprender a trabalhar nessa área de programação. Apenas para lembrar que importantes *softwares* são ou foram desenvolvidos por jovens estudantes que estavam de certa forma “brincando” em seus computadores ou querendo desenvolver/aperfeiçoar algum programa que atendesse a suas necessidades, por exemplo, o Marck Zuckerberg (criador da rede social Facebook), Chad Hurley e Steve Chen (criadores do YouTube) e Sergey Brin e Larry Page (criadores do Google). Por outro lado, existem pessoas de diversas partes do mundo que constroem coletivamente ferramentas tecnológicas e disponibilizam via Internet, expressando uma liberdade, já que os programas em *software* livre podem ser executados, modificados, copiados, distribuídos, estudados e melhorados. Como diz o nome, é livre!

No mundo atual, da sociedade da informação e do conhecimento, a Internet exerce um poderoso papel na difusão de informação e conhecimento entre as pessoas, possibilitando a comunicação dos indivíduos que se articulam e se organizam. Nesse sentido, diversos movimentos têm se utilizado dos espaços virtuais com o propósito de discutir e transformar a realidade em que vivem. Essa teia de informação e comunicação, norteadas pela construção coletiva, se constitui como um poderoso espaço pedagógico e político desses movimentos. Tornando-se, dessa forma, um caminho possível para a promoção da autonomia e conscientização dos sujeitos que buscam a transformação dos espaços reais e concretos. É através da Internet que todos esses movimentos constroem uma nova sociedade, que, por sua vez, também transforma a natureza da Internet: “de uma ferramenta organizativa da empresa e um meio de comunicação passa a converter-se, além disso, numa alavanca de transformação social” (CASTELLS, 2003). Nesse contexto e com a compreensão de que os sujeitos envolvidos na luta da EJA são, predominantemente, trabalhadores de várias localidades, surge

à necessidade da mobilização e interação desses sujeitos no movimento. Para isso, a criação de uma grande rede social virtual se fez necessária no movimento dos Fóruns de EJA do Brasil.

A partir dessas reflexões sobre essas linguagens tecnológicas, o Portal dos Fóruns de EJA procura essa conexão entre o movimento social pela EJA e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), no momento em que se constitui como um ambiente virtual interativo multimídia. Conforme a postura e concepção política dos Fóruns – independência tecnológica e, conseqüentemente, política, o Portal é construído em *software* livre –, as funcionalidades do Portal dos Fóruns de EJA podem ser re-criadas e aperfeiçoadas a partir das necessidades do próprio movimento, desenvolvido de forma descentralizada e administrado coletivamente, visando avançar nessa construção coletiva do movimento dos Fóruns de EJA por uma educação de jovens e adultos libertadora tanto no âmbito vivencial/presencial como no ambiente virtual, lembrando que esses espaços são distintos e se complementam na luta feita pelos Fóruns de EJA.

Precisamos ainda avançar muito na construção do Portal, tanto no âmbito tecnológico como na efetiva participação e envolvimento dos sujeitos da EJA no seu processo de construção e mobilização. Mas tenho muito claro que esse é um processo que já avançou muito – como demonstra seu histórico neste ensaio. Considero como alguns desses avanços o suporte aos encontros dos Fóruns de EJA, a conquista do domínio “org”, a utilização do fórum de discussão – o phpBB, a criação do manual de aprendizagem, a produção audiovisual, a atualização da ferramenta –, o Drupal, a publicação de todas as logos nos 27 sítios, a realização das oficinas nos encontros, entre outros. Este é um processo vitorioso que já colheu e colherá ainda muitos frutos no decorrer dessa luta em defesa da educação de jovens e adultos trabalhadores de qualidade, libertadora e ao longo da vida.

Como estudante de pedagogia, há nesse contexto tecnológico também uma mudança significativa no modelo da educação e na relação de ensino-aprendizagem professor-aluno. No ponto de vista da educação, o processo de aprendizagem centra-se no aprender a aprender, ou na aprendizagem ao longo da vida, para que se consiga transformar, num curto espaço de tempo, a informação recebida em conhecimento. Já na relação professor-aluno, é necessário refletir de que forma esses sujeitos envolvidos no processo irão se relacionar nesse contexto em que a produção do conhecimento e as informações são disponibilizadas sem barreiras geográficas e num curto espaço de tempo, ou seja, quebrando o padrão vertical de anos e anos na relação de ensino-aprendizagem entre professor e aluno.

Dentro dessa questão, surge também a necessidade de ampliar a própria legislação a respeito dos ambientes virtuais interativos multimídias de aprendizagem e seus aspectos didático-pedagógicos. Tanto é que a partir disso, como proposta, os movimentos de EJA (Fóruns de EJA), juntamente, com a SECAD/MEC já tratam no Documento Base Nacional Preparatório à VI CONFINTEA – Brasil/2009, o anseio de “fortalecer a discussão e a mobilização para a inserção do termo ‘ambiente virtual multimídia’ como um dos espaços educativos previstos no art. 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)”. Essa proposta é no sentido de fazer com que reconheçam os ambientes virtuais multimídias e as redes sociais como espaços coletivos de formação e educação por toda vida. Com isso, ressalta-se a necessidade de abordar mais essa temática e mais esse espaço de atuação na formação do pedagogo.

Parte 4: Minha concepção de educação construída ao longo dessa trajetória na graduação de Pedagogia.

A partir das vivências relatadas, das “leituras de mundo” e dos estudos feitos fora e dentro da universidade, pude construir e sistematizar minha concepção de educação ao longo dessa trajetória na graduação de Pedagogia.

Primeiramente, destaco que é importante compreender o educando como um sujeito concreto, dotado de consciência, de vontade, e, principalmente, um ser criador. A partir disso, esses sujeitos são capazes e podem transformar suas circunstâncias, por mais que a sociedade capitalista diga o contrário. Nesse contexto, a educação (formal ou informal) tem o papel de construir seres humanos em constante questionamento e integração em um processo coletivo de construção do saber.

A complexidade intrínseca ao ser humano coloca também outro desafio para a educação, ou seja, a educação precisa começar a se desafiar e assumir e/ou trabalhar a questão existencial do ser. Creio que isso deve e pode ser feito através da construção coletiva – percebendo e respeitando a singularidade/diferenças de cada indivíduo no processo e da pesquisa-ação existencial para uma busca permanente pela liberdade criadora do ser humano junto com os outros em ação, pensando sempre na superação da sociedade capitalista, excludente e opressora em que nós vivemos.

O objeto final da pesquisa-ação existencial reside em uma mudança de atitude do sujeito (indivíduo ou grupo) em relação à realidade que se impõe em última instância (princípio da realidade). Não se trata, entretanto, de esperar uma mudança milagrosa ou de permanecer numa atitude passiva... sem se perder numa postura fria de todos os que nos repetem continuamente que não se deve sonhar! Mas não se trata de uma mudança decretada de cima, da parte das autoridades oficiais. A mudança torna-se necessária, embora difícil, aos olhos das participantes do grupo de pesquisa-ação. (BARBIER, 2004, p. 71).

Para fundamentar ainda mais meus questionamentos, posso citar também como exemplo a “pedagogia da libertação”, que com muita propriedade explicita muito bem essas questões citadas anteriormente. A pedagogia da libertação consiste numa pedagogia que tem de ser criada com os oprimidos e não para/sobre eles, buscando permanentemente a libertação e a recuperação da humanidade dos povos e homens, potencializando os indivíduos. Por isso, somente os oprimidos libertando-se, podem também libertar o opressor que há dentro de si – a pedagogia do oprimido é libertadora de ambos, tanto do oprimido como do opressor.

Nesse aspecto e no campo da complexidade do ser humano para a educação, René Barbier (2004) traz também considerações muito pertinentes em seus estudos. Ele diz que na educação é necessário ter a arte, a poesia, o olhar filosófico sobre o lugar do homem na natureza, o sentido da vida e a abertura para uma espiritualidade ampla. A relação do espiritual com o saber é importantíssima e determinante, no sentido de os perigos da cegueira de qualquer influência sectária não vir a primeiro plano. O saber liberta o fanático de qualquer ou de todos os seus dogmas instituídos, tanto é que o sectário não gosta do homem de saber. Essa relação do sectarismo, do fanatismo e da tomada de consciência dos indivíduos, está presente também na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire:

Na verdade, porém, não é a conscientização que pode levar o povo a fanatismos destrutivos. Pelo contrário, a conscientização, que lhe possibilita inserir-se no processo histórico, como sujeito, evita os fanatismos e o inscreve na busca de sua afirmação. (FREIRE, 2005, p. 24).

Estou querendo dizer é que, futuramente, a educação vai precisar integrar todas essas dimensões do ser humano, não para excluí-las, mas para compreendê-las. Novamente, é necessário ver que o homem é um ser de complexidade extrema que integra coisas diferentes e tenta se aproximar do essencial de sua existência. Nos trabalhos de grupos e na construção coletiva, percebe-se que este é um processo bem mais complexo, pois existe uma história de vida e na complexidade de uma vida existem diferentes dimensões que se exprimem e não podem ser explicadas uniforme e unilateralmente. E que por mais que as ciências humanas

abordem essas dimensões do ser humano – existência de diferentes níveis de realidade – algumas não serão explicadas, apenas devem ser vividas e sentidas pelo ser. Como podemos perceber na Carta da Transdisciplinaridade:

Artigo 2: O reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade governados por diferentes tipos de lógica é inerente à atitude da transdisciplinaridade. Qualquer tentativa em reduzir a realidade a um só nível governado por uma única forma de lógica não tem lugar dentro do campo da transdisciplinaridade. (FREITAS; MORIN; NICOLESCU, 1994, p. 1).

A partir desse contexto, é importante também citar duas definições que contribuí para minha concepção sobre educação. A primeira é que EducAÇÃO significa nutrir, e a segunda é que aluno vem do latim *alumnus*, que, por sua vez, quer dizer “alimentar”, ou seja, se alimenta de conhecimento. Portanto, essas definições por si só fundamentam a “práxis” pedagógica, isto é, a capacidade simultânea de ação e reflexão das pessoas, fenômeno essencial no processo educativo.

Como educadora em eterna formação, a transdisciplinaridade contribuí em três aspectos que considero importante na minha concepção de educação que são: o rigor, a abertura e a tolerância. Quero dizer que:

Artigo 14: Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da visão e atitude transdisciplinar. Rigor na argumentação, levando em conta todos os dados existentes é a melhor barreira diante de possíveis distorções. Abertura implica aceitar o desconhecido, o inesperado e o impossível. Tolerância significa reconhecer o direito às idéias e valores opostos aos nossos. (FREITAS; MORIN; NICOLESCU, 1994, p. 1).

Outra contribuição relevante é novamente a do professor francês René Barbier, quando ele diz que “o educador dialetiza [...]. Sua abordagem empurra a dialética até o paradoxo difícil de sustentar” (BARBIER, 1999/2000). Significa que o educador relativiza as suas proposições absolutas e compartilha suas conclusões com os educandos para submetê-las à crítica.

A minha relação com os educandos, baseada nessas contribuições, citadas no parágrafo anterior, permitem refletir que não trabalho sobre ou para as pessoas, na verdade, estou “com” as pessoas modificando as nossas vidas de alguma maneira. Ou seja, “a educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005).

Para finalizar, termino com algumas palavras do professor, filósofo e investigador Agostinho da Silva:

Meu caro amigo: Do que você precisa, acima de tudo, é de se não lembrar do que eu lhe disse; nunca pense por mim, pense sempre por você; fique certo de que mais valem todos os erros se forem cometidos segundo o que pensou e decidiu do que todos os acertos, se eles forem meus, não seus. Se o criador o tivesse querido juntar a mim não teríamos talvez dois corpos ou duas cabeças também distintas. Os meus conselhos devem servir para que você se lhes oponha. É possível que depois da oposição venha a pensar o mesmo que eu; mas nessa altura já o pensamento lhe pertence. São meus discípulos, se alguns tenho, os que estão contra mim; porque esses guardaram no fundo da alma a força que verdadeiramente me anima e que mais desejaria transmitir-lhes: a de se não conformarem. (Cartas a um jovem filósofo)

Considerações Finais

As experiências vividas, refletidas e sistematizadas fizeram com que eu percebesse que a profissão do pedagogo vai além de ensinar apenas conhecimentos no ambiente escolar. Aprendi que o pedagogo estará sempre aprendendo na relação de ensino-aprendizagem com os sujeitos na sociedade.

Por ser um profissional que trabalha com a educação do ser humano, necessita compreender a sociedade em que vive nos seus vários aspectos: econômicos, culturais, sociais, políticos e a complexidade das várias dimensões humanas. Com isso não quero dizer que o pedagogo tem de saber tudo e ter sempre respostas sobre a vida humana em sociedade, mas precisa se esforçar para compreender as relações e os fenômenos que estão ligados à sua área de conhecimento, que é a **Educação** (conhecimento – reflexão – ação).

Atualmente, na sociedade capitalista, vivemos com várias opressões, desigualdades, explorações e contradições. Penso que, a partir de uma postura política do pedagogo, podemos contribuir significativamente para uma mudança coletiva desse paradigma de sociedade. Mas, além de optar por uma mudança relativa à postura profissional, é necessário repensar sua identidade e formação como ser humano para contribuir – numa relação dialética – para a formação de outros sujeitos nos diferentes espaços (escolares, não escolares e ambientes virtuais). Nessa perspectiva, identifico a complexidade da formação do pedagogo, a qual não deve visar à formação de um simples profissional, mas sim um profissional da educação (educador) em seu sentido pleno – para a vida. Reconhecendo que: “Considera-se como base referencial, o Ser Aprendiz Orgânico Cósmico (ANGELIM, 2006),

ou seja, uma espécie humana sujeito, naturalmente aprendiz, no exercício de interação com o outro ou os outros no ambiente permanente de ligação cósmica do eterno agora! Em outras palavras, uma espécie capaz de exercer sua autonomia de aprendizagem da Vida (auto-consciência), como cidadão (habitat) e como trabalhador culturalmente identificado em sociedade, como constituinte do equilíbrio harmônico da natureza-vida. (ANGELIM; RODRIGUES, 2009, p. 2).

No percurso da graduação de Pedagogia, identifiquei também a importância de se pensar e discutir a educação com a presença da nova linguagem tecnológica (Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC's) e os novos ambientes (ambientes virtuais), juntamente, com a formação do pedagogo. Esses dois fenômenos causaram mudanças significativas no

processo educativo – nunca foi tão fácil ter acesso à informação (em um curto espaço de tempo e sem barreiras geográficas). A democratização do conhecimento que o uso das tecnologias propicia é inquestionável, mas ao mesmo tempo quem as usa deve ter consciência de que as informações podem ser manipuladas e distorcidas, cabendo ao usuário dosar/filtrar onde e como colher essas informações.

Tendo em vista tal panorama, é importantíssimo repensar a postura do pedagogo como educador na relação ensino-aprendizagem mediada ou não pelas linguagens tecnológicas, mas sem perder o “fazer pedagógico para a construção de uma nova visão de sociedade, superando a sociedade da informação e a sociedade do conhecimento pela sociedade educativa” (ANGELIM; RODRIGUES, 2009, p. 5).

Sendo assim, como pedagoga não pretendo seguir nenhuma receita ou método, mas, sim, referências que me ajudem a seguir em constante formação no processo, na busca de realizar, da melhor maneira possível, minhas atividades educativas de forma a atuar no fenômeno educativo de modo positivo, sem esquecer que a atuação só tem sentido se construída coletivamente com os sujeitos envolvidos no processo educacional.

Perspectivas Profissionais

Ao longo do meu processo formativo, despertei muito o interesse em trabalhar na relação ensino-aprendizagem com os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Por isso, num primeiro momento, gostaria e pretendo exercer a docência com o 1º segmento da EJA na rede pública de ensino do Distrito Federal. Posteriormente, desejo continuar a caminhada, ou seja, minha formação acadêmica, na pós-graduação (mestrado e doutorado) na área da EJA. Espero ser uma eterna pedagoga em formação (formação permanente), aberta a novas experiências e a vivenciar novos espaços profissionais. Tentando ser/estar em constante movimento...

Referências

A construção coletiva. **Extraído do livro: Brasil – alternativas e protagonistas.** Consulta Popular, 1999.

Carta de Princípios Doutrinários e Programáticos do Movimento Circulista, XIV Congresso Circulista Nacional, 8 a 11 de julho de 2004.

Documento de Construção Coletiva da Pauta de Reivindicações ao Governador Eleito e aos Parlamentares Eleitos do Distrito Federal – 2011 a 2014, aprovado em Plenária do XIX Encontro de Educação de Jovens e Adultos do DF, 20/11/2010.

Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, coletados em 2009.

AMBROSIO, Ubiratan D. (Org). **Declaração dos Fóruns de Ciência e Cultura da Unesco: Veneza, Vancouver, Belém: Carta da Transdisciplinaridade.** Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994. (Coleção textos universitários).

ANDRÉ, Maristela de; TELES, Selva. **Conceitos Básicos do Sistema Rio Abierto de Terapias Psicocorporais.** Brasília, 2008.

ANGELIM, Maria Luiza Pereira. **A teleducação nos tempos da Internet.** Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

_____. **Verbetes Pedagogia da Libertação do Dicionário de Bioética coordenado por Juan Carlos TEALDI,** julho/2006. Pedagogia da Libertação.

ANTUNES, Ricardo. **A luta pela redução da jornada de trabalho.** Revista Sem Terra. Ano XI. Número 45. Junho / julho, 2008.

_____. **Trabalho x Capital.** Revista Caros Amigos. Março, 2007.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação.** Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

_____. **Educador um “passeur” de sentido.** Trad. de David A. Ringoir. Revisão de Hélène Leblanc. Universidade de Brasília / Faculdade de Educação / 3º Curso de Especialização em EAD 1999/2000.

BERNARDES, Robison Luiz. **Karl Marx – Conseqüências sociais do avanço tecnológico**. São Paulo: Edições Populares, 1980.

BRASIL. **Documento Base Nacional Preparatório à VI CONFINTEA**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) – Ministério da Educação (MEC). Brasília, setembro 2008. p. 13.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 174.

_____. **A sociedade em rede**. Tradução: Roneide Venâncio Majer. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia – o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREITAS, Lima de; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab. **Carta da Transdisciplinaridade** (Adotada no Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade Convento de Arrábida, Portugal, 2-6 novembro, 1994).

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. In: MARX, K.; ENGELS, F. A ideologia alemã. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Londres, junho de 1872.

_____. **Trabalho assalariado e capital**. Obras escolhidas. Rio de Janeiro: Ed. Vitória, 1961. v. 1.

NEVES, Ezequiel Antônio Rezende Pereira. **Ensaio sobre novas trilhas – o papel das vivências na formação do Educador atual**. Universidade de Brasília (trabalho de conclusão de curso de graduação em Pedagogia). Brasília, 2009.

SCHENBERG, Mário. **Sobre O Tao da Física**. Revista do Cefisma. Centro acadêmico dos estudantes de física da Universidade de São Paulo (USP). Revista Nova Stella, 1985.

SOUZA, Amaralina Miranda de; FIORENTINI, Leda Maria Rangearo; RODRIGUES, Maria Alexandra Militão (Orgs.). **Educação superior a distância: Comunidade de Trabalho e**

Aprendizagem em Rede (CTAR). Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009.

SOUZA, João Felipe de. **Ensaio sobre a consciência coletiva** – ambientes virtuais e vivências diretas. Universidade de Brasília (trabalho de conclusão de curso de graduação em Pedagogia). Brasília, 2009.

Páginas da Internet

Cartilha “MST: Lutas e Conquistas”. Produzida pela Secretaria Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. 2. ed. Janeiro de 2010. p. 9. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/sites/default/files/MST%20Lutas%20e%20Conquistas%20PDF.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2010.

Manifesto de Fundação, aprovado pelo Movimento Pró-PT, em 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion (SP), e publicado no Diário Oficial da União de 21 de outubro de 1980. p. 2. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/portaltpt/dados/bancoimg/c091003192752manifesto.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009 – divulgada em **08 de setembro de 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1708&id_pagina=1>. Acesso em: 9 jan. 2011.

Relatório-síntese do GTPA – Fórum EJA/DF ao XI ENEJA. Documento subsidiador à participação de 20 delegados representantes do GTPA – FÓRUM EJA/DF no XI Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos, Belém/PA, 17 a 20/09/2009. Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/files/DOCdf_%20X_I%20ENEJA.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2011.

Resoluções do 1º Congresso Nacional da Classe Trabalhadora (1º CONCLAT) – 26, 27 e 28 de agosto de 1983. São Bernardo do Campo (SP) – Pavilhão Vera Cruz. Pg. 10 e 11. Disponível em: <<http://www.cut.org.br/documentos-oficiais/1>>. Acesso em: 5 dez. 2010.

LÉVY, Pierre. **Educação e cibercultura**. 1998. Disponível em: <www.forumeja.org.br/artigos>. Acesso em: 12 dez. 2010.

MACHADO, Maria Margarida. **A atualidade do pensamento de Paulo Freire e as políticas de EJA – “O saber de experiência feito” Camões e Paulo Freire**, 2007. Disponível em: <www.forumeja.org.br/Brasil>. Acesso em: 5 dez. 2010.

PINEAU, Gaston. **A autoformação no decurso da vida**. Disponível em: <<http://www.cetrans.com.br/genericod660.html?iPageId=134>>. Acessado em: 19 ago. 2008.

VENTURA, Jaqueline. **Educação de Jovens e Adultos no Brasil**: revendo alguns marcos históricos. Rio de Janeiro, 2001. p. 16. Disponível em: <<http://www.uff.br/ejatrabalhadores/artigo-01.htm>>. Acesso em: 5 dez. 2010.

Disponível em: <<http://carosamigos.terra.com.br/>>. Acesso em: 5 dez. 2010.

Disponível em: <<http://www.fernandomorais.com.br/sobreautor.php>>. Acesso em: 5 dez. 2010.

Disponível em: <www.forumeja.org.br/df/files/CEPAFRE.doc>. Acesso em: 5 dez. 2010.

Disponível em: <<http://www.forumeja.org.br/telecentros>>. Acesso em: 9 jan. 2011.

Disponível em: <<http://www.freibetto.org/index.php>>. Acesso em: 5 dez. 2010.

Disponível em: <<http://www.gesac.gov.br/administracao-de-pontos/localizacao-dos-pontos-de-presenca-em-operacao>>. Acesso em: 9 jan. 2011.

Disponível em: <<http://www.gesac.gov.br/programa-gesac/o-que-e-o-gesac>>. Acesso em: 9 jan. 2011.

Disponível em: <<http://www.jornalotrabalho.com.br/index.html>>. Acesso em: 5 dez. 2010.

Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/>>. Acesso em: 5 dez. 2010.

Disponível em: <<http://softwarelivre.org/portal/o-que-e>>. Acesso em: 7 dez. 2010.